

David Fernando Nogueira da Silva

Histórias Esquecidas

Discursos de unificação dos Andes pré-colombianos

Dissertação de Mestrado apresentada ao departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Leandro Karnal.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 26/02/2003.

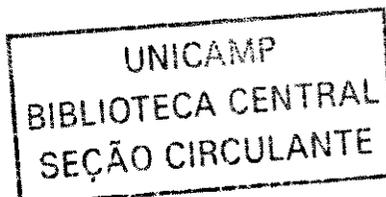
BANCA

Prof. Dr. Leandro Karnal (Orientador).

Prof. Dra. Janice Theodoro da Silva.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

Prof. Dra. Eliane De Moura Silva.



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP Si38h
V	EX
TOMBO BC/	53112
PROC.	124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/04/03
Nº CPD	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

CM00182243-6

BIB 17 238020

Si38h

Silva, David Fernando Nogueira da
Histórias esquecidas : Discursos de unificação dos Andes
pré-colombianos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Leandro Karnal.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Incas – História. 2. Andes, Região - História.
3. Multiculturalismo. 4. Pluralismo (Ciências sociais) –
Peru - História. 5. Índios da América do Sul - Cultura.
I. Karnal, Leandro. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

ÍNDICE.

Resumo/abstract	03	
Agradecimentos	04	
Nota sobre termos e grafias utilizadas	07	
Capítulo I – Unidade e Diversidade		
1.1 - Por que os Incas?.....	13	
1.2 Colcha de retalhos.....	18	
1.3 Festa para um Inca.....	28	
Capítulo II - Fazendo-se idólatras, ou a hierarquia da bestialidade - Homens-homens X homens-brutos, homens-troncos e homens-pedras		29
2.1 - Da idolatria, ou a arte de falar com o demônio. Huacapvillac.....	40	
Capítulo III - Inca: Modo de fazer		
3.1 - A Ação.....	67	
3.2 - Reação.....	74	
3.3 - A unificação sobre outros temas.....	83	
Conclusão	93	
Bibliografia	97	
Apêndice – documentos	105	

10/03/2010

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e entender como se deu o processo de unificação da multicultural região andina em torno da celebração da memória do período Incaico. Analisam-se aqui dois momentos diferentes da unificação: primeiro nas crônicas, quando a chancela "idólatra" acaba por se tornar o adjetivo comum a todos, e depois na leitura que foi feita dessas crônicas, quando o multiculturalismo foi esquecido e ocorreu o deslizamento de um termo unificador pejorativo - o idólatra - para um outro que trazia em si a idéia de um mundo feliz e civilizado que fora corrompido pelo elemento exógeno - Inca.

Palavras-chave: 1. Incas – História. 2. Andes, Região - História. 3. Multiculturalismo. 4. Pluralismo (Ciências sociais) – Peru - História. 5. Índios da América do Sul - Cultura.

ABSTRACT

This essay intends to analyse and comprehend how worked the process of unification of the multicultural Andes Region, under the celebration of the memory of the Inca times. Two different moments of unification are studied in here: first in the chronicles, when the seal "idolater" ends to be the common sign for all, and then in the reading that was made from this chronicles, when the multiculturalism was forgotten and occurred the shift from a pejorative term - idolater - to a term that brings in it the idea of a happy and civilized world that once existed but was destroyed by the alien element - Inca

Key -words: 1. Incas – History. 2. Andes, Region - History. 3. Multiculturalism. 4. Pluralism (Social sciences) – Peru - History. 5. South Ammerican Indians- Culture.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter concluído este trabalho e por ter tantas pessoas a quem dizer obrigado. Significa que muitos se importaram, e é recompensador saber que tantos se importam.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu professor e orientador Dr. Leandro Karnal. Quem o conhece sabe que ele traz em si uma rara mistura de erudição e bom humor. Esteve o tempo todo corrigindo o rumo, aprumando as palavras e dando sugestões com competência e honestidade. Ao mestre meu muito obrigado.

Agradeço também ao apoio financeiro da Capes que agraciou-me com uma bolsa de estudos.

Foram ainda fundamentais para os retoques finais deste texto as preciosas observações da professora Dra. Janice Theodoro Da Silva e do Dr. José Alves de Freitas Neto. Tive o privilégio de ter tido estes dois expoentes da História da América ainda na minha banca de qualificação, o que sem dúvidas contribuiu significativamente para a melhora deste trabalho.

Não poderia esquecer-me dos meus professores do Departamento de História do IFCH, e em especial gostaria de agradecer ao professor Dr. Carlos Galvão, que ainda na graduação ensinou-me muito sobre ética e pesquisa científica.

Agradeço a meus amigos da pós graduação e em especial ao meu amigo Lúcio Menezes, que entre meus cafés e os cigarros dele boas conversas foram travadas.

Sendo um forasteiro em terras campineiras desde 1995, não posso deixar de expressar aqui a minha gratidão a pessoas e famílias que sempre me apoiaram e ajudaram a mitigar as saudades de casa. Refiro-me a pessoas como Gisela Pizzatto e seus pais, Carlos e Teca, (não conseguiria contar o número de “bóias que filei”, desde 1995 nesta casa), também George e Márcia (a melhor farofa com bananas que há por essas bandas) e André e Cynthia Rieder (também aqui não poderia contar o número de “bóias filadas”), a meu amigo André Sihle pela hospitalidade e a meus amigos de república GuaranaTaí, Denilson da poltrona, Fernandegg’s, Silvera (vampiro brasileiro), Frog Boy e Léo Gaydelman por atrapalharem a minha vida acadêmica!

Gostaria ainda de agradecer a minha família que sempre esteve comigo e sempre estará, não importa o que eu faça. Ser o mais novo de seis irmãos trouxe-me muito mais vantagens do que desvantagens, e não posso deixar de agradecer a meus irmãos Maurício, Maurílio, Paulo, Déborah e Thelma, que me ajudaram às vezes financeiramente, quando a bolsa era ainda um sonho distante, e às vezes academicamente, favorecendo meu acesso a materiais de bibliotecas como a da UNB.

Por fim agradeço a quem jamais conseguirei de fato agradecer, meus pais Maurício e Edione. Estas pessoas morreriam antes de deixar que qualquer coisa me faltasse, e a amores assim não se agradece nem com um milhão de palavras. Contudo fica a nota, a tentativa tímida de agradecer por terem ensinado-me todo o necessário e por me deixarem aprender todo o resto, sem vocês não haveria nada disso.

Todas essas pessoas foram essenciais para a feitura deste trabalho e todas contribuíram de uma forma ou de outra. Contudo há de se dizer que nenhuma delas é responsável pelas idéias ou pelos erros e elipses que aqui possa haver, estes são de minha responsabilidade, só minha.

" El tiempo consume la memoria de las cosas..."

Pedro Cieza de León.

NOTA SOBRE TERMOS E FONTES UTILIZADAS.

Escrever sobre os Incas mostrou-se uma tarefa muito mais prazerosa e difícil do que imaginara que seria no princípio. Prazerosa porque o que me parecia outrora um mundo distante e inatingível mostrou-se próximo e atual, na medida em que questões como tolerância, mitificação histórica e lembrança de um passado que, necessariamente, tem de ser melhor do que o presente, foram surgindo. Difícil porque fui pouco a pouco percebendo que se tratava de um “*admirável mundo*” novo. Não um mundo novo tal qual descrito por Huxley é certo, (até onde sei não havia *soma* no império dos Incas, muito embora a coca pudesse por vezes desempenhar essa função!), mas a novidade estava nos conceitos, nas idéias, enfim, nos próprios termos empregados e a empregar. Esta brevíssima nota tem por objetivo explicar as escolhas que fiz na grafia destes termos e no entendimento destes conceitos para a redação final deste trabalho.

Talvez o termo mais problemático seja também o mais elementar: índio. Fruto antes de tudo de um erro geográfico, o fato é que todos os americanos foram classificados como índios após chegada de Colombo por estas terras. Isto porque se pensou que a América fosse na verdade as sonhadas Índias, logo a derivação elementar - os habitantes das índias eram índios. É como se um marciano, ao “descobrir” a Terra, chamasse a todos terráqueos. Em oposição ao marciano esta identidade pode até ser aceita, mas quando pensamos que sobre o termo terráqueo estão sendo pressupostos como iguais em termos culturais, físicos etc. tanto ianques engravatados de *Wall Street*, quanto esquimós do pólo

Norte e brasileiros do sertão piauiense, começamos a perceber que estes termos extremamente generalizadores não ajudam muito. No caso do termo em questão, tentei não utilizá-lo, na medida do possível. Mas cá está o nó górdio de problemas como este: há uma *medida para este possível*. Por isso não pude evitar o termo o tempo inteiro. Resolvi não sacrificar a inteligibilidade do texto por conta da pureza léxica. O ideal é que se corrija de alguma forma este equívoco, talvez começando por ensinar às crianças no ensino fundamental que, ao contrário do que pensamos, índio não é " tudo igual". Mas enquanto isto não acontece o que se pode fazer é tornar o fato digno de nota!

Há ainda outros termos sobre os quais tive de fazer escolhas gráficas. As fontes consultadas não têm uma concordância sobre nomes tão elementares quanto *Atahualpa* e *Tahuantinsuyo* por exemplo. Este, o nome que os Incas davam a seu império, aquele, o nome do último inca que *de fato* governou sobre o império. Ao invés de grafar *Tawantinsuyo* escolhi *Tahuantinsuyo*, ao invés de grafar *Atawa Wallpa* ou *Atabapalipa*, escolhi *Atahualpa*. Aqui também acabei por sacrificar a pureza léxica. Ao invés de seguir aquilo que seria mais correto dentro das línguas quíchua e aimará, acabei por escolher o caminho de grafar as palavras como elas serão mais usualmente encontradas pelo leitor em português.

Em outros casos evitei outros termos que penso serem também muito genéricos e pouco corretos. Termos como América pré-colombiana, mundo andino pré-colombiano foram evitados por serem por demais generalizadores para este caso que estou tratando. Ao dizer América pré-colombiana pode se estar a falar de civilizações tão distintas quanto a Olmeca e a Huari. A América andina pré-colombiana, da mesma forma, pode tanto dizer respeito à cultura Chavín (1000 A.C), como à Inca (1400 D.C). O termo andino será usado quando referir-se a uma região geográfica (América Andina) ou quando referir-se a

características comuns a toda região dos Andes. Estas características são geralmente físicas, no entanto pode também referir-se a características sociais e políticas, quando tratar-se de um termo já consagrado como "utopia andina", por exemplo. O termo "incaico" também será usado, neste caso, quanto se estiver falando, de características do império dos Incas.

Assim, quando disser "história incaica" estarei referindo-me a toda história concernente ao espaço sob domínio dos Incas *durante* este domínio. Portanto este termo jamais dirá respeito por exemplo à história dos Aimarás antes da derrota de Topay Capac e depois da morte de Atahualpa. Isto não implica dizer todavia que não houve uma história dos Aimarás dos Urús ou dos Chancas durante o período de invasão. Massada faz parte da história do Império Romano e da história dos judeus, mas a construção do templo de Jerusalém por Salomão não faz parte da história do Império Romano. Da mesma forma, aquilo que aconteceu a Aimarás, Chancas e Urús durante a ocupação incaica diz respeito também à história incaica, sendo este termo portanto válido mesmo sabendo-se que não concerne somente aos Quíchuas. Aliás este é outro termo que merece nota.

Quando escrito como na forma acima, com a primeira letra em maiúsculo, diz respeito ao povo, à etnia da qual os Incas eram oriundos. Inca é um termo quíchua para governante. Quando a palavra estiver escrita desta última forma, em minúscula, diz respeito não ao povo, mas à língua. Outra termo que também diz respeito à língua dos Quíchuas é *runasami*, este é o nome pelo qual chamavam sua língua que, posteriormente tornou-se quíchua.

Aliás Inca é outro termo que causa-me certo desconforto, mas tem de ser usado. Trata-se na verdade de uma espécie de metonímia. Através de uma parte, os Incas, a "casta" governante, entende-se o todo, todos os Quíchuas. Para tentar desvencilhar-me da confusão, quando quiser referir-me exclusivamente aos governantes à nobre "casta" que são

os Incas, utilizarei o termo "governantes Incas," por mais que este termo desta forma expresse uma espécie de pleonasmo.

Creio que estes eram os termos mais problemáticos sobre os quais gostaria de deixar nota. No decorrer do trabalho, caso surjam termos com grafia ambígua, ou conceitos e idéias que sejam pouco inteligíveis para nós, tentarei na medida do possível torná-los mais claros nas notas de rodapé.

CAPÍTULO I

UNIDADE E DIVERSIDADE

“ A história hoje não é senão a malha fina do lembrado por cima do oceano do esquecido, mas o tempo avança e chegará a época dos milênios passados que a memória limitada dos indivíduos não poderá mais abraçar, assim séculos e milênios cairão em painéis inteiros, séculos de quadros e de música, séculos de descobertas, de batalhas, de livros, e isso será ruim porque o homem perderá noção de si mesmo e sua história, inatingível, inacabável, se reduzirá a alguns sinais esquemáticos desprovidos de sentido”

Milan Kundera - A Brincadeira.

POR QUE OS INCAS?

O Tahuantinsuyo¹ era no momento de sua conquista, 15 de novembro de 1532,² o único império americano³. Abrigava em suas fronteiras um grande número de diferentes povos, com diferentes culturas, línguas e religiões. Todavia, este império é curiosamente visto atualmente como uma unidade. Não só como unidade político-administrativa, o que de fato era, mas como uma unidade étnico-cultural, o que nunca foi. Este mesmo império é visto ainda como uma sociedade que foi justa, feliz e pacífica⁴. Esta pesquisa tem por objetivos entender como e por que estes discursos foram produzindo-se e entender como

¹ Segundo o cronista Garcilaso de La Vega o nome significa “os quatro cantos do mundo”. Ainda o cronista nos informa que o império inca era dividido em quatro “suyos” ou quatro “cantos”. Estes *suyos* eram: *Antisuyo*, que compreendia a parte oriental, *Cuntisuyo*, que englobava a parte ocidental, *Chincasuyo*, nome que se referia à parte Norte do império e *Collasuyo*, termo que designava a parte sul do mesmo império. As duas maneiras mais usuais para se grafarem o nome do império são *Tawantinsuyo* e *Tahuantinsuyo*.

² Esta é a data em que foi capturado o Inca Atahualpa, sendo portanto uma data simbólica. A chegada dos espanhóis deu-se em Tumbes, no mês de maio do mesmo ano. A captura de Atahualpa pode ser considerada como o momento simbólico da conquista porque sem dúvidas foi a grande vitória de Pizarro em terras incaicas. Quase um ano depois, em 29 de agosto de 1533 Atahualpa foi condenado à morte, por fratricídio e usurpação. Não obstante deve-se fazer notar que esforços de resistência se fizeram presentes por um longo tempo depois da chegada dos espanhóis. Os mais notáveis são a tentativa de reconquista de Manco Inca que durou de 1536 a 1545 e a resistência dos “incas de Vilacamba” entre 1545 a 1572 quando foi decapitado em maio o “último inca” Tupac Amaru.

³ O império dos Incas possuía cerca de 1 milhão de quilômetros quadrados, ou seja, era duas vezes maior do que o maior Estado Europeu à época, a Espanha. Com relação ao número de habitantes do Império, os números são bastante amplos. Há desde estimativas mais modestas, que calculam 03 milhões de habitantes, até estimativas mais hiperbólicas, que estimam cerca de 30 milhões de habitantes (Bethell, Leslie. “Notas sobre as populações Americanas às vésperas da conquista espanhola” In: Bethell, Leslie. *História da América Latina, Vol. I*, São Paulo, Edusp, 1997, , 129-131).

⁴ Em uma pesquisa realizada com alunos dos ensinos médio e fundamental da capital peruana, 70% atribuiu ao Império Inca características positivas, as duas características mais votadas foram justo e feliz. As informações técnicas sobre a pesquisa encontram-se em Galindo, Alberto Flores, *Buscando un Inca: identidad y utopia en los Andes*, Lima, Instituto de Apoyo Agrário, 1987, pp. 21. Não coloquei aqui outras pesquisas ou maiores dados sobre esta porque não se trata do argumento fundante de minha questão, é tão somente mais um dado que corrobora com a idéia de que realmente o Império Inca é visto em geral, pela população não acadêmica, como uma espécie de arcade romântica. Com relação à passividade do império Incaico, Garcilaso de La Vega foi o primeiro a defender a visão de que tratava-se de um Império pacífico, o que trata-se de uma contradição. Esta questão será todavia analisada mais cuidadosamente do terceiro capítulo desta dissertação.

essa idéia de unidade afeta o entendimento da história incaica e também a história ocidental.

Isto porque é inegável o impacto da descoberta da América sobre a sociedade Ocidental do século XVI, quer seja através de seus metais preciosos que invadiram e financiaram a Europa, quer seja através das idéias e conceitos que se desenvolveram a partir da descoberta deste Novo Mundo. Afinal, foi através do “descobrimento” da América que a Europa pôde descobrir-se, foi inventando a América, que se inventou também a Europa⁵. Esta invenção de si, descoberta de si, foi possível a partir do momento em que pôde ser feita através do oposto, e o oposto era o Outro⁶ e o Outro era o “bárbaro”⁷ americano habitante deste Novo Mundo que se descobria.

E como eram esses americanos? Como eram seus grandiosos Impérios? Os primeiros informantes deste Novo Mundo foram os cronistas-soldados, ou os clérigos-cronistas que por cá desembarcaram junto às primeiras caravelas. No caso peruano foram homens como Cieza de León, Agustín Zárate, Sarmiento de Gamboa, Cristóbal de Molina e Bernabe Cobo. Estes homens tinham o dever de informar e, conseqüentemente, tinham também o poder de *formar* opinião sobre a maneira de ser destes americanos. Através de suas narrativas formar-se-iam as imagens do homem americano, de seus Impérios, de suas “maravilhas” e de seus “vícios”. Por isso é relevante e crucial para o entendimento do

⁵ A idéia de invenção da América começa a ser difundida a partir do trabalho do historiador mexicano Edmundo O’Gorman (O’Gorman, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo, Unesp, 1992.)

⁶ A questão da alteridade e do conhecimento do Outro popularizou-se, sobretudo, depois do trabalho de Todorov, (Todorov, Tzvetan. *A Conquista da América, a questão do outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1993). Contudo Todorov não foi o único a trabalhar o tema. Hartog , em *o Espelho de Heródoto*,(Hartog, F. HARTOG, F. - *O Espelho de Heródoto*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999). também traz importantes contribuições para o debate. Dentro dos estudos americanos, a coleção *De palabra y obra en el nuevo mundo* (Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J (eds.). *De palabra y obra en el nuevo mundo*, Madri, Siglo XXI de España, 1992), traz inúmeros estudos sobre a alteridade e a conquista da América, com ensaios que enfocam a questão da alteridade até mesmo dentro das comunidades americanas, mostrando como diferentes nações eram vistas e classificadas pelos poderes centrais.

⁷ A noção de bárbaro será melhor analisada e definida no decorrer deste trabalho.

conceito que temos hoje de Império Inca a análise destas crônicas. Interessa saber o que informaram, como informaram, por que informaram. Trata-se de analisar o discurso que há nestas crônicas, tendo o cuidado de levar em conta que tais discursos servem muito mais para “criar” nações do que para “revelá-las”⁸. Trata-se pois de analisar como uma forma de discurso - o histórico - pôde criar essa imensa e homogênea nação - os Incas.

As imagens produzidas por essas crônicas foram amplamente difundidas, sendo apreendidas não somente pelos estudiosos, preocupados em descobrir-lhes as incoerências e impossibilidades, mas também - mesmo que não diretamente - pelas pessoas comuns, pelos camponeses empobrecidos, por líderes que organizariam revoltas⁹, enfim, por todos aqueles que agora procuravam entender este novo mundo que se formava. Este é o motivo de utilizar-se as crônicas como fonte principal para esta investigação. Ao estudar o discurso produzido por essas crônicas, ao tentar enxergar onde há no texto histórico a simplificação, pretende-se explicitar a importância do discurso histórico para a construção da memória e o seu uso político. Discurso este que, no caso andino, encontra-se não somente nas crônicas.

Deve-se somar ainda ao relato destes cronistas o trabalho de obstinados estudiosos do século XIX e XX. Estes, no compulsar frenético de crônicas, relatos de viajantes e de quaisquer outros documentos que pudessem ter acesso, produziram trabalhos que são considerados hoje como clássicos dos estudos incaicos. São Obras como a de William Prescott¹⁰ e a de Louis Boudin¹¹, que também ajudaram a formar a idéia que temos hoje do império dos Incas.

⁸ Taussig, Michael. *Mimesis and alterity*. Nova Iorque, Routledge, 1993.

⁹ Carmen Bernand nos informa por exemplo, que o livro de cabeceira de Tupac Amaru era *Comentários reales de Los Incas*, de Garcilaso de La Vega. Esta obra de Garcilaso, como veremos ainda neste trabalho, talvez seja a que mais contribuiu para a imagem mitificada do Império Inca que temos, ainda hoje. Bernand, Carmen. *De la idolatria - una arqueología de las ciencias religiosas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1988)

¹⁰ Prescott, William. *History of the conquest of Peru*, Nova Iorque, The modern library, 1998

A hipótese que se levanta é a de que o discurso que é encontrado nas crônicas, bem como nestes clássicos, acabou por unificar e mitificar, mesmo que *de maneiras diferentes*¹², este universo incaico.

Não obstante a tudo isso, a própria pujança do império, aliada a esta mitificação que se criou em torno do termo Inca¹³, acabou por elidir a própria história das civilizações pré-incaicas. Por mais paradoxal que seja, apesar de haver muito mais vestígios arqueológicos sobre os Mochicas por exemplo, são os Incas que habitam o imaginário popular. Apesar de ter tido o domínio dos Huari muito mais longevidade, é o domínio Inca que invade a memória.¹⁴

Mas por que estudar o Império Inca? A pergunta é inevitável. Qual é a relevância para nós, brasileiros, deste tipo de estudo? É importante responder a estas perguntas, sobretudo porque esta pesquisa foi financiada, em parte, com dinheiro público. Pois vamos a elas.

Em primeiro lugar qualquer pesquisa que trate deste assunto é interessante na medida em que ajuda na produção e difusão do saber desta área do conhecimento no Brasil. A incipiência, (bem como por vezes também a insipência) dos estudos sobre o Império Incaico em nosso país pode ser notado quando percebemos que há pouquíssimos

¹¹ Boudin, Louis. *El Imperio Socialista de los Incas*, Santiago, Zig-Zag, 1953.

¹² Há de se salientar que isto foi feito de maneiras diferentes para que não se pense que estamos a traçar um eixo linear que parte das crônicas e vai até os historiadores do XIX e XX. O debate que está na base das crônicas dos séculos XVI ao XVIII é diferente do debate que há nos historiadores do XIX e XX, contudo pode-se identificar em ambos os casos momentos onde forçou-se uma unidade, como se verá mais adiante

¹³ A mitificação, ou melhor as mitificações, em torno da memória incaica são alvo de vários estudos, os artigos de Szeminski, Jan. "El mundo Andino dominado por los muertos rebeldes" *In* Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J (eds.). *De palabra y obra en el nuevo mundo*, Vol 1 imágenes interétnicas, Madri, Siglo XXI de España, 1992, pp. 171-194. E de Rescaniere, Alejandro Ortiz. "Lo próprio y lo ajeno en las representaciones del inca", *In* Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J. Op. cit. pp. 397-416, fazem um interessante panorama dessas imagens.

¹⁴ É claro que o fato de terem sido os Incas a dominar o último horizonte Andino antes da chegada dos europeus contribuí para uma memória mais forte em torno deste período. O que é interessante é que se trata

especialistas neste assunto em nossas universidades. Na verdade parece haver também aqui uma certa dileção pelos estudos concernentes à Mesoamérica,¹⁵ não obstante nossa maior proximidade geográfica com a América Andina. Por isso pareceu-nos mais interessante estudar o império Inca, de alguma forma ainda há sobre ele este "mistério" que tanto encantou os cronistas, estudiosos e que ainda encanta a todos que entram em contato com sua história.

Em segundo lugar mostrando-se como uma região incrivelmente plural pôde ser unificada e homogeneizada através de simplificações e generalizações do discurso histórico, podemos também ficar mais atentos a outras simplificações e generalizações tão nocivas quanto esta. Em outras palavras, gostaríamos que este texto ajudasse a aumentar a consciência da grande complexidade que há em categorias por nós inventadas como "índios", "europeus", "africanos" ou "muçulmanos".

Tais generalizações, mais do que nos auxiliar no entendimento deste Outro, tornam-nos mais distante dele. À medida em que vamos nos tornando menos sensíveis as diferenças que existem sob estas categorias, vamos também nos tornando mais intolerantes a qualquer diferença. O resultado deste pernicioso equação nos é bastante conhecido. É ela que nos permite identificar árabes como "terroristas" ou pensar que os "índios" são herdeiros de uma mesma tradição cultural. Tradição é claro, "inferior" à nossa.

Percebe-se ainda que tal tema, apesar de parecer-nos distante, mostra-se cada dia mais atual. Ao estudar-se como uma imagem mitificada¹⁶ e distante da realidade tornou-se

de uma memória essencialmente "boa" e que essa memória termina por englobar a memória de outros povos pré-incaicos.

¹⁵ Digo *também aqui...* porque John Murra identifica uma tendência semelhante na América do Norte. (Murra, John. "As sociedades andinas anteriores a 1532" In: LESLIE BETHEL, *História da América Latina*, Vol. I, São Paulo, Edusp, pp. 61 - 98, 1997).

¹⁶ Ao referir-me a mito, ou visão mitificada, não estou querendo aqui defender a idéia de que possa haver história sem mitos. Estou sim querendo perceber neste caso como se formou essa idéia mitificada.

a idéia predominante sobre o que era este Império dos Incas, pode-se entender melhor o processo do *fazer-se* da história. Em alguma medida este estudo pode servir para exemplificar como a história não é neutra em suas escolhas, e como estas mesmas escolhas, mesmo quando feitas há séculos, não estão distante de nós hoje.

Por fim, existe é claro uma grande paixão pessoal pelo tema. Uma grande admiração, desde a adolescência, por tudo que dizia respeito a Maias, Astecas, Olmecas, Mochicas e, sobretudo, Incas.

Expostos os motivos que tornam o trabalho relevante intelectual e emocionalmente, passemos à análise do problema acima proposto.

COLCHA DE RETALHOS

A única unidade que se pode conceber para o império dos Incas é, como já foi dito, a unidade política. Sem dúvidas tratava-se de uma região governada por um poder central¹⁷ através de instituições e burocracias bem estruturadas. Os tributos eram pagos a este poder central, que tinha total poder de vida e morte sobre os povos a ele subordinados. Entretanto unidade política não significa unidade cultural. Ter-se a tutela de um mesmo governo não implica em ter-se a mesma religião, a mesma língua. Ainda mais quando este governo impõe-se de maneira coercitiva. Mas de alguma forma esta é a idéia que temos quando falamos dos Incas. Contudo, antes de mostrar que essa idéia existe, mostrar-se-á que

¹⁷ Há uma grande discussão sobre se esse poder central seria dirigido exclusivamente por um soberano, conforme a tradição européia ou por uma diarquia, mais ao estilo de uma tradição Andina. Para nós o importante no momento é saber que este poder estava centrado, de qualquer maneira, nos incas.

realmente se trata de uma região heterogênea. Afinal esta diversidade é a *sine qua non* de toda a hipótese.

Para provar que se tratava de um império multicultural, há vários caminhos possíveis. Um deles por exemplo, seria verificar as inúmeras políticas de unificação cultural intentadas pelos filhos do sol¹⁸. O raciocínio é simples - se há políticas de unificação cultural, há diferenças culturais que se quer mitigar.

Estas políticas de unificação cultural são amplamente conhecidas¹⁹. Cieza de León por exemplo, informa-nos que os filhos de curacas²⁰ dos povos conquistados eram educados em Cuzco até atingirem a maturidade e retornarem para suas províncias²¹. O intuito é claro e preciso: estes jovens são os futuros líderes de seus povos, é necessário pois influenciá-los desde já. Trazê-los para a capital do império já em sua infância, deixá-los ser instruídos pelos *amautas*²² e inculcá-los desde cedo os valores da cultura incaica, são maneiras de derrubar estas fronteiras culturais começando de cima para baixo.

Mas Cieza de León não é o único a trazer informações sobre este assunto. Molina, em seu *Ritos y fábulas de los Incas* também relata artifícios usados com o objetivo de mitigar-se as diferenças. Um dos mais interessantes é sem dúvidas a *capacocha*, que constituía-se em um ritual de sacrifício de crianças. Estes meninos e meninas eram oriundos de todas as regiões do Império, e suas relíquias eram posteriormente distribuídas entre os templos destas várias regiões²³. Pretendia-se com isso construir um culto que fosse

¹⁸ Filhos do sol é a maneira pela qual os soberanos incas se chamavam. O sol era o grande deus do panteão incaico e por isso os incas descendiam diretamente dele, o grande deus.

¹⁹ "Inca policies and institutions relating to cultural unification" In: Murra, Jonh V. , and Wachtel, Nathan. *The Inca And Aztec States*, Nova Iorque, Academic Press, 1982. p.49.

²⁰ Curaca é o chefe do ayllu, unidade político-familiar andina. Seria algo próximo ao que conhecemos como cacique. Pode-se também grafar *Kuraca*

²¹ León, Pedro de Ciez. *Obras Completas*. Org. Carmelo Saenz de Santa Maria. Madri, CSIC, 1984.

²² Os amautas eram sábios e artistas Incas.

²³ Molina, Cristóbal. *Ritos y fábulas de los Incas*. Buenos Aires, Editorial Futuro, 1947.

comum, visto que todas as regiões observariam os mesmos ritos para o culto à relíquia, e ao mesmo tempo local, visto que cada região teria a sua própria relíquia.

A existência de tais artificios, largamente relatados pelos cronistas, é uma prova de que estas diferenças existiam. No entanto como já foi dito, pode-se provar ainda esta heterogeneidade de outras formas.

Poder-se-ia analisar, por exemplo, o histórico dos vários povos na região. Isto porque menos do que uma características do Horizonte Tardio, onde houve o domínio incaico na região, a pluralidade étnica e cultural andina, bem como o surgimento de Impérios que pretenderam-se pan-andinos têm sido uma característica que sempre fez-se presente.

Para se ter uma idéia clara deste fato, há na próxima página uma tabela que mostra os principais horizontes e períodos intermediários e, separados por regiões, alguns povos que foram hegemônicos durante esses horizontes e períodos. Após a tabela, há uma breve descrição destes povos e períodos:

Ano	Período	Costa Norte	Serras Norte	Costa Central	Costa Sul	Serras Centrais	Altiplano Titicaca
1532	Horizonte Tardio	Incas	Incas	Incas	Incas	Incas	Incas
1476	Intermediário tardio	Chimu	Reinos Locais	Chancay	Ica-Chincha	Chancas	Reinos Aimará
1000	Horizonte Médio	Huari	Pachacamac	Huari	Tiahuanaco	Tiahuanaco	
600	Intermediário	Mochica e	Cajamarca e	Lima	Nasca	Huarpa	Tiahuanaco
D.C	Recente	Gallinazo	Recuay				
200	Horizonte Recente	Salinar upinsque	Huaras Chavín	Ancon	Paracas	Rancha Chupas Wichqana	Kalasaya Chiripa Wankarani
1000	Período Arcaico	Huaca Prieta	?	Paraíso Encanto	Otuma Chilca	Cachi Piki	?
5000							

Esta tabela, elaborada com base nas tabelas encontradas em Rostworowski²⁴ e em Lanning²⁵, segue a clássica nomenclatura para a divisão dos períodos de Rowe²⁶. Vale ressaltar que somente estão explicitados os nomes dos povos que de alguma forma conseguiram criar ao seu redor uma área de influência. Nas regiões onde há escrito “reinos locais”, a profusão de povos é tão grande que seria impossível explicitá-los todos em uma tabela.

Os horizontes são períodos onde uma cultura teve, notoriamente, influência sobre outras. Tal influência é verificada, principalmente, através do alcance dos estilos artísticos e arquitetônicos que reconhecidamente pertence a um povo. Neste sentido houve para a área Andina três horizontes, o Chavín, o Huari-Tiahuanaco e o Inca. Destes, o mais recente e curto foi o Inca. Paradoxalmente foi contudo o que se impôs de maneira mais contundente e sobre uma maior extensão de território.

Nos espaços de tempo entre os horizontes, encontram-se os períodos denominados “intermediários.” Nestes, verifica-se que o poder político e cultural ficou sobretudo pulverizado por toda a região. Apesar de surgirem nestes períodos culturas que hoje são muito conhecidas como Nasca e Chimú entre outras, não se pode dizer em absoluto que tais

²⁴ Rostworowski, María de Díaz Canseco. *History of the Inca realm*, Cambridge University Press, Nova Iorque, 1998. p. 04.

²⁵ Lanning, Edward P. *Peru before the incas*. Englewood cliffs, Prentice-Hall, 1967. p.25.

²⁶ Rowe, John Howland. “*Absolute Chronology in the Andean Area*” In: **American Antiquity**, Vol. 10, Mexico, 1945. Essa divisão proposta por John Rowe é baseada na idéia de divisão cronológica por “horizontes” onde a expansão territorial de algum povo, e conseqüentemente um certo domínio deste povo na região, e o de períodos intermediários, onde o poder se encontra totalmente fragmentado entre os vários povos. Assim, por exemplo, um período “intermediário recente” é seguido de um “horizonte recente” no horizonte recente a hegemonia foi de Huari-Tihuanaco. Outra importante forma de divisão para os Andes foi a estabelecida pelo arqueólogo peruano Luis Guillermo Lumbreras. Lumbreras, levando em conta para sua divisão mais os aspectos economico-sociais, reconhece três divisões em seu esquema: povos coletores, agricultores, aldeões e industriais urbanos. Em termos de datas as duas divisões são muito parecidas. Também há uma semelhança nos períodos em que Lumbreras vê um florescimento cultural local - o que Rowe chama

povos conseguiram exercer uma influência forte o bastante para serem designados "horizontes."

Os mais antigos registros de ocupação que temos para a região andina são aqueles relativos ao sítio de Huaca Prieta na costa norte peruana e ao sítio de Ancón, no vale de Chancay, na parte central da costa peruana.

Entretanto, a primeira grande cultura a influenciar outras nos Andes foi a de Chavín, entre 1.000 - 300 A.C. Apesar de não ter sido propriamente uma potência militar, e portanto não ter exercido um grande controle político sobre outros povos, Chavín, que era um templo localizado nas montanhas do leste, há cerca de 3000 metros de altitude, influenciou tanto as culturas andinas no que diz respeito às cerâmicas e aos panos, que foi considerado pelo arqueólogo peruano Julio C. Tello a "matriz da civilização andina"²⁷. Um culto que se realizava em torno da figura do Jaguar ou do Puma e expandiu-se rapidamente pela região a partir de 900 A.C.²⁸

Terminado o horizonte Chavín surge então um período intermediário com o florescimento e fortalecimento de várias culturas locais. São deste período por exemplo a cultura moche, a necrópoles de Paracas, e a famosa cultura nasca. Este período intermediário recente vai mais ou menos de 100 a.C. a 800 d.C.

Em seqüência surge o horizonte Huari-Tiahuanaco, ou médio. Este período vai de aproximadamente 800 d.C. a 1200 d.C. Essas duas cidades conseguiram aglutinar em torno de si algumas destas culturas que haviam florescido no período intermediário que as antecederam.

de períodos intermediários, e entre os períodos de expansão e influência de um povo sobre o outro - os horizontes de Rowe.

²⁷ Murra, John. "As sociedades andinas anteriores a 1532" In: *História da América Latina*, org. Leslie Bethel Vol.I, São Paulo, Edusp. p. 75.

²⁸ Favre, Henri. *A civilização Inca*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

Tiahuanaco situava-se às margens do lago Titicaca, e expandiu-se essencialmente rumo ao sul, tendo exercido influência sobre povos do planalto boliviano, da parte meridional do Perú até o vale de Majes e do norte do Chile até o vale de Loa²⁹. Em Tiahuanaco ficava a famosa “porta do sol” monumento entalhado em pedra única de andesita, com vários motivos em relevo. É hoje uma das principais atrações turísticas da região.

A expansão de Huari, cidade situada no vale de Mantaro, deu-se em direção ao Norte, tendo como limite a cidade de Cajamarca onde, alguns séculos depois, Atahualpa seria capturado por Pizarro.

No século XII com o declínio dessas cidades abre-se mais um período onde não há grandes hegemonias mas sim um fortalecimento das culturas locais. É neste período que floresce por exemplo o “império hidráulico dos Chimús”. São ainda deste período os Chancay, Chíncha e outros.

Este período intermediário vai até aproximadamente 1432, quando o Inca Pachacutec, através de uma grande campanha expansionista, que teve seu início com a incrível vitória dos Incas sobre os Chancas, inaugura o que, posteriormente, convencionou-se chamar de “Horizonte Inca”, ou seja, o período onde o Império Inca foi quem aglutinou ao seu redor um sem número de povos, influenciando-os e sendo por eles influenciado. A diferença, é que desta vez isto seria feito em uma escala nunca vista antes nos Andes. É deste período, ou melhor, da memória histórica que foi dele construído, que se tratará.

²⁹ *A civilização Inca*, Op. Cit. pp. 10.

Não há uma idéia exata do número de povos que foi submetido ao jugo incaico. Há uma estimativa de que nos tempos do Império Incaico vivessem sob sua lei e sua ordem cerca de 44 povos diferentes nas montanhas e 38 na área costeira ³⁰, mas trata-se tão somente de uma estimativa. A verdade é que apesar de ter-se um conhecimento relativamente bom no que diz respeito às populações pré-incaicas, à medida que vamos chegando mais perto do ano de 1532 as informações vão ficando mais escassas e desencontradas³¹. Talvez porque a memória mítica sobre este tempo Inca seja muito mais forte e viva do que a de períodos mais distantes.

Há contudo um bom conhecimento das políticas de relações inter-étnicas herdadas e aperfeiçoadas pelo império. E cá está mais um elemento que nos poderia auxiliar a entender que se tratava, de fato, de uma região heterogênea.

Estas relações inter-étnicas foram sendo constituídas ao longo de séculos de convivência destes povos e muitas foram usadas pelos Incas depois como mecanismos de controle. Por isso diz-se que o império as herdou. Estes mecanismos de cooperação entre as diferentes etnias tiveram de ser criados por sobretudo um motivo: a grande diferença de terrenos e de clima, bem demonstrada no clássico e pioneiro estudo de Carl Troll³².

Através deste intercâmbio entre os grupos étnicos populações que *a priori* não teriam acesso a determinado tipo de alimento, por conta de sua localização em um sítio onde este alimento não encontra condições propícias para o crescimento, passam a ter este acesso.³³

³⁰ Dobyns e Doughty. *Peru: a cultural history*, Oxford University press, Nova Iorque, p. 68.

³¹ "As sociedades andinas anteriores a 1532 " Op. Cit.

³² Troll, Carl. *Las Culturas Superiores Andinas y el medio geografico*, Universidad Mayor de San Marcos, Lima. (Série 1. Monografias y ensayos geograficos 1). Troll foi um dos primeiros geógrafos a analisar como o clima influenciava diretamente na organização social dos andinos.

³³ Frank Salomon em "Vertical politics on the Inka frontier" (Salomon, Frank. "vertical politics on the Inca frontier" In: MURRA, Jonh V. , WACHTEL, Nathan e REVEL, Jaques. *Anthropologic History of Andean*

Classicamente divide-se os Andes em três regiões com características bem distintas entre si: a costa, as montanhas e a área da floresta tropical. Estudos como os de John Murra têm mostrado um pouco como se dava a interação entre os grupos destas diversas regiões. O modelo de “arquipélagos” explica bem como um mesmo grupo étnico conseguia dominar diferentes níveis do “piso ecológico” obtendo assim quase que um território não contíguo, baseado em laços como os de reciprocidade e de complementaridade³⁴

Um clássico exemplo desta cooperação são os *mitmaq* colonos que trabalhavam longe de seu grupo étnico e de sua região de origem para poder suprir este grupo étnico com produtos desta nova região³⁵. Os *mitmaq*, apesar de estarem longe de seu povo e no meio de outros povos com outras tradições, mantinha-se fiéis aos costumes de seu povo de origem. Esta instituição - que é pré incaica - seria posteriormente modificada pelos Incas, que passariam a fazer um uso político dela, ao mandar *mitmaqs* compulsoriamente para áreas previamente determinadas. Neste caso o interesse não era o de cooperação entre os grupos étnicos, mas era simplesmente político: visava-se evitar ao máximo as rebeliões, e o esfacelamento dos grupos étnicos através do trabalho dos *mitmaq* era uma boa maneira de fazê-lo. Não muito depois os próprios espanhóis deturpariam ainda mais o trabalho dos colonos ou *mitmaq* e fariam surgir uma conhecida instituição da América Colonial: a mita.

polities, Nova Iorque, Cambridge University Press, 1986, pp. 89-120) faz uma interessante análise da função dos *mindalães* neste intercâmbio entre os vários grupos étnicos. Estes *Mindalães* eram uma espécie de “mercadores” especialmente designados pelos curacas para negociar as mercadorias de seu grupo étnico com os outros grupos étnicos. Ainda neste campo das relações inter-étnicas no Império Inca, no mesmo artigo o autor examina a função dos *Kamayuqkuna*. Estes eram um grupo que se fixava no meio de outro grupo étnico com a função de explorar um recurso natural específico para o seu grupo étnico. É importante salientar que em ambos os casos os grupos não buscavam nenhuma espécie de lucro ou de subsistência em suas tarefas. Esta eram garantidas pelos caciques ou pelo Império Incaico.

³⁴ "El 'control Vertical' de un máximo de pisos ecológicos en la economía de las sociedades andinas" In: Ortiz De Zuniga [1562] 1972 e "La Guerre et les rébellions dans l'expansion de l'état Inka", In: *AESC*, 33(5-6):927-935, 1978.

³⁵ Os *mitmaq* se diferenciavam dos *kamayuqkuna*. Os *kamayuqkuna* trabalhavam na exploração de um recurso específico, enquanto os *mitmaq* trabalhavam em sistema de rodizio e de uma forma não tão específica.

Por fim, pode-se notar como essa heterogeneidade é fato não só através do estudo do passado andino, mas também pela simples observação do seu presente, como se pode perceber nestas palavras de Flores Galindo:

" Esta fragmentación se expresa también en la conciencia social de los protagonistas. En la sierra peruana, por ejemplo, los campesinos hoy en día no se definen como andinos o indios - a pesar del pasado común -, sino que habitualmente recurren al nombre del lugar donde han nacido, la quebrada o el pueblo tal, como observan en Ayacucho Rodrigo Montoya y en Huánuco César Fonseca. Una coincidencia localista. En la sierra central, otro antropólogo, Henry Favre, encontró tres grupos étnicos limitrofes, los asro, chumku y laraw, pero incomunicados a pesar de la cercanía geográfica, a causa de variantes ininteligibles del quechua y el Kawki".³⁶

Bem, demonstrado que se trata de uma região realmente heterogênea culturalmente há de se mostrar, agora, que de fato há esta idéia de unidade. Tem-se de exemplificar esta sensação de que os Incas eram um só grande povo, construtor de um grande império do qual diversas nações andinas, mas sobretudo o Peru, são tributárias. Um bom exemplo disso? Uma recente festa para um Inca.

FESTA PARA UM INCA

Festejado como o primeiro presidente “*cholo*,”³⁷ Alejandro Toledo tomou posse no dia 28 de Julho de 2001, em Lima, capital peruana. Entretanto, depois desta posse oficial, acompanhada por muitos chefes de Estado e autoridades, Toledo fez questão de celebrar uma outra posse, no dia seguinte, em Cuzco. Nesta posse, vestido com indumentárias “Incas”, Toledo rememorou os grandes dias de Pachacútec, nono Inca na célebre seqüência de Cieza de León³⁸ e reconhecido por todos como o grande responsável pela grande expansão do Império e por sua reformulação. Aliás o nome Pachacútec significa “o reformador”.

A memória do Império Inca celebrada pelo presidente Toledo foi a memória da unidade. Nesta comemoração não houve lugar para a heterogeneidade e para a diversidade. Alguém que assistisse esta celebração e desconhecesse a história não poderia jamais desconfiar de que se tratou de um Império que foi constituído através do domínio de vários outros povos. Nesta celebração todos foram Incas. A memória que se está a celebrar é aquela, que tem os alunos limenhos, a de um império feliz e pacífico. Mesmo que exemplos

³⁶ Galindo, Alberto Flores. *Buscando un Inca: identidad y utopia en los Andes*, Lima, Instituto de Apoyo Agrário, 1987, p.18.

³⁷ Trata-se de um termo à princípio pejorativo, aplicado aos índios e mestiços. Entretanto, durante a campanha presidencial, o próprio Alejandro Toledo fazia questão de definir-se como *Cholo*.

³⁸ Há uma grande divergência sobre a lista de soberanos Incas. Alguns, como Rowe, defendem o “conteúdo histórico” e aceitam que trata-se de uma seqüência de soberanos da maneira como entendemos na história ocidental. Outros como Zuidema negam este “conteúdo histórico” e afirmam que a lista é na verdade um código da maneira como Cuzco era governada, e que não diz respeito a uma sucessão de soberanos, mas sim à uma diarquia, e que os primeiros nomes da lista não tenham talvez nem existido. Todo este debate está bem

atuais nos mostrem o contrário³⁹, a idéia que se cultiva é deste lugar de extrema felicidade e bem estar, que teve sua harmonia abalada somente pela chegada do europeu, este sim bárbaro, inculto e ávido por ouro, glórias e almas

Um exemplo disso são as palavras da única deputada indígena Paulina Arpasi, em uma reportagem sobre a posse do presidente⁴⁰. Na ocasião a deputada disse “ Nos vamos mudar o Peru... Os Incas eram lutadores. Nós também.”

Os Incas são o exemplo a seguir, os Incas eram os lutadores. Essa memória oficial jamais fará menção a Chancas, a Urus ou a Aimarás, a segunda maior etnia indígena peruana. E a força desta celebração da memória em torno dos Incas pode ser percebida exatamente quando a única deputada indígena do parlamento peruano recorre a eles como exemplo de luta. Isto porque esta deputada não é uma Quíchua, etnia dos Incas, e sim uma Aimará.

“ Os Incas eram lutadores,” de fato eram. Que diga o antigo chefe Aimará Tocay Capac, ancestral da deputada em questão. Foi a partir de sua célebre derrota na batalha de Guman Cancha que os Aimarás foram dominados e subjugados pelos Incas. Os Aimarás foram divididos em três grupos distintos por seus oponentes e só tiveram o direito de reconhecimento de sua existência novamente em 1923⁴¹. Enfim, para que querer reivindicar o direito à memória, à história, a um povo que por quatro séculos sequer existiu oficialmente? Mais fácil é entender-se o Império dos Incas como o império de um só povo.

explicado e resumido no mais recente trabalho de Catherine Julien. (Julien, Catherine. *Reading Inca History*, Iowa, UIP, 2000, pp. 3-23).

³⁹ Nathan Wachtel conta em seu “Retorno dos Ancestrais” a história da inimizade entre Urus e Aimarás desde tempos anteriores à conquista Inca (Wachtel, Nathan. *Le retour des ancêtres*, Paris, Gallimard, 1990). Em outro trabalho Thérèse Bouyesse conta como estes mesmos Aimarás usam a palavra “sujeira” para caracterizar outra tribo vizinha, os Pukina (“Aymara concepts of space” In: MURRA, John., WACHTEL, Nathan, e REVEL, Jacques. *Anthropologic History of Andean polities*, New York, Cambridge University Press, 1986).

⁴⁰ Trata-se de uma reportagem de 29 de Julho de 2001, do jornal “Correio Braziliense” intitulada “Um índio no poder” de autoria da jornalista Sandra Lefcovich.

Contudo, a perpetuação deste discurso de unidade que acreditamos ter começado pelos cronistas, faz de todos nós cúmplices de uma segunda derrota destes povos. Desta feita todavia, a derrota vem não por meio de exércitos e armas, e sim através de penas e tintas, de canetas e teclas de computadores. Eis um caso onde pode-se observar que, de fato, “as sentenças que escrevemos em nossos aparentemente inócuos teclados podem ser sentenças de morte”⁴²

Esta frase de Hobsbawn faz-nos pensar que são ainda mais profundas as implicações desta generalização histórica de que se está falando. Ao fazer-se tal generalização, não se está simplesmente a negar a estes povos o direito a seu passado. Estar-se mesmo a negar-lhes a existência de seu próprio presente. Enfim, estar-se a negar-lhes sua própria existência. Caminha-se assim para o cumprimento das palavras de Kundera na epígrafe deste capítulo, fazendo com que muitos homens herdeiros destas tradições preteridas percam a noção de si mesmos e de sua história. Mas nesse caso fazemos ainda pior, porque sequer reduzimo-la a alguns sinais esquemáticos desprovidos de sentido. Simplesmente esquecemo-la.

Isto porque se continuarmos a ignorar a diversidade de povos e culturas que foi o Império Incaico, estaremos banindo-os definitivamente da memória histórica. Será como se de fato eles nunca tivessem existido. E o que tentaremos mostrar é que toda esta unificação em torno dos Incas tem seu início lá nos primeiros cronistas, nos primeiros historiadores, que nos deixaram um legado do qual parecemos não conseguir esquivar-nos. A memória, pertence aos Incas. A festa de posse do presidente Toledo, foi em Cuzco, celebrando-se o tempo do grande conquistador inca. Não há dúvidas: a festa era para um inca.

⁴¹ *History of the Inca Realm*, Op. Cit. p. 11

⁴² Hobsbawn, Eric. *On History*, Nova Iorque, The New Press, 1997. pp.266-277.

Mas este é o fim da história. Até chegar-se a esta celebração do incaico, percorreu-se um longo caminho. Passemos então a esta história, a história da construção dos Incas. Vejamos como de repente, muitos homens e mulheres diferentes entre si, com sérias divergências políticas, culturais, muitas vezes inimigos, passaram a ser considerados como iguais. No começo desta história, a igualdade veio pelo maior dos antagonismos entre europeus e americanos segundo a percepção da época. Que antagonismo era este? Aquele que distanciava cristãos de idólatras.

Capítulo II

Fazendo-se idólatras, ou a hierarquia da bestialidade - Homens-homens X Homens-brutos, homens-troncos e homens-pedras.

"The eight brethren, called Incas, said - 'we are born strong and wise, and with the people who will here join us, we shall be powerfull. We still go forth from this place to seek fertile lands and when we find them we will subjugate the people and take the lands, making war on all those who do not receive us as their lords.' This, as they relate, was said by Mama Huaco, one women, who was fierced and cruel."

(Pedro Sarmiento de Gamboa - History of The Incas)

"Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae: ide, e pregai a toda criatura. Como assim, Senhor? Os animais não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas? Pois hão os apóstolos de pregar às pedras? Hão de pregar aos troncos? Hão de pregar aos animais? Sim: dis S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar os homens homens, haviam de achar os homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras..."

(Pe Antônio Vieira, Sermão da Sexagésima, 1655.)

Cristãos X Idólatras: eis um dos grandes antagonismos que distanciava europeus de americanos. Esta é a idéia que se tem, ao perceber-se que nas diferentes crônicas sobre a conquista - diferentes em estilo, diferentes na visão que tinham dos "índios", diferentes nos graus de formação e informação dos autores - tem-se no termo idólatra a comum referência, tem-se neste termo o aglutinador de relatos tão díspares quanto os de Sarmiento de Gamboa e Garcilaso⁴³.

Mas por que partir de tais crônicas? Ora, parte-se das crônicas exatamente porque estas foram as primeiras formadoras de uma visão unificadora, porque as crônicas foram as primeiras histórias sobre os Incas, foram e são altamente difundidas e são muito mais acessíveis do que arquivos e quipos.

Contudo há três problemas que devem ser levados em conta ao ler-se tais crônicas. Estes problemas, merecem ser aqui elencados porque de certa forma estão sendo sempre debatidos pelos americanistas, e não dizem respeito às crônicas somente, mas sim a tudo isso que convencionou-se chamar de história Incaica. Estes problemas, que chamaremos de "filtros" são:

Filtro 1: as melhores fontes de que se dispõe sobre o Império Inca foram escritas pelos europeus conquistadores.

Filtro 2: estes europeus não puderam dispor de documentos escritos que soubessem ou pudessem ler, por isso dependiam da memória e da "leitura" de seus informantes.

Filtro 3: tais informantes, por sua vez, não eram quaisquer informantes, mas sim, na sua grande maioria, descendentes da nobreza Incaica.

⁴³ Faço questão de ressaltar que há diferenças de enfoque e mesmo de objetivo entre os próprios cronistas. As intenções de Las Casas são diferentes das intenções de Gamboa que são diferentes dos objetivos de Acosta.

Não se pode esquecer de mais uma coisa: some-se a tudo isso o fato de que tais europeus estão escrevendo a história de um mundo realmente novo para eles. A cultura desenvolvida na América, suas categorias analíticas, suas relações sociais, enfim, toda a sua organização terá de ser descrita em termos europeus. É do produto de todos estes filtros e complicadores que se dispõe. Estas são as fontes.

Todos estes complicadores, que fazem da leitura de tais crônicas uma tarefa não tão fácil assim, têm, como já dissemos, em maior ou menor medida, ocupado o centro do debate sobre fontes e de como se ler estas fontes entre os americanistas. Um bom exemplo disto têm sido a controvertida lista dos doze soberanos Incas e seu inusitado sistema de *panacas*⁴⁴. O entendimento desta lista, que tem como fundador da dinastia o "mítico" Manco Capac, e como seu último ocupante Atahualpa ou Huáscar - dependendo de que lado da querela fraternal esteja o cronista ou historiador, pode variar de acordo com a maneira que o historiador entende as fontes de que dispõe.

De um lado temos um grupo que, ao dar crédito à tradição incaica transcrita pelos cronistas, entende que a genealogia dos doze soberanos conforme está descrita, corresponde em grande parte à realidade do que teria sido a sucessão de soberanos Incas.

Por outro lado há quem pense, principalmente depois das investigações do antropólogo estruturalista americano Tom R. Zuidema, que o que há de fato é um código - código este que não foi entendido pelos cronistas espanhóis - nesta tal relação. Como consequência deste estranhamento dos europeus frente à maneira de guardar-se a memória

Não estou contudo criando uma unidade artificial através do termo, basta ir às crônicas para perceber que todas elas, apesar das diferenças, se preocupam com a idolatria americana.

⁴⁴ As panacas eram as linhagens reais ligadas a um soberano. Quando um Inca morria, toda a sua riqueza acumulada passava para a mão desta panaca, que por sua vez tinha o dever de zelar pela memória do Inca e cultuar sua múmia. A panaca era composta de todos os familiares diretos do soberano morto, a exceção do filho escolhido para ser o novo Inca, que deveria conquistar suas próprias riquezas e fundar sua própria panaca.

cultivada pelos Incas, estes cronistas escreveram tal história à maneira que estavam acostumados: através de uma sucessão genealógica e linear dos soberanos, originando a genealogia da qual dispomos hoje.

Argumentos a favor de uma e de outra tese, os há. Se por um lado a prática antropológica não tem mostrado hoje uma memória em relação aos doze soberanos mas sim ao mito do *Inkarri* - ou Inca rei , por outro lado a arqueologia tem, principalmente no que diz respeito aos últimos Incas, feito descobertas que confirmam a genealogia incaica⁴⁵.

Pode-se dizer portanto que o problema resume-se em saber o quanto de “verdadeiramente incaico” há nas crônicas espanholas. Em que grau as crônicas “verdadeiramente” relatam a realidade do que foi o Império dos filhos do sol. Neste sentido trabalhos muito interessantes já foram produzidos. No mais recente a autora faz um exaustiva comparação das crônicas tentando fazer uma análise da maneira como foram escritas e identificar a influência dos gêneros incaicos de narração nos diversos autores⁴⁶.

Para que nos desvencilhemos deste problema o que propomos aqui é o foco em uma outra problemática. Ao invés de procurar saber o quanto há de “verdadeiramente” incaico nas crônicas analisadas, ao invés de pesquisar as fontes que cada autor dispunha para escrever a genealogia incaica desta ou daquela maneira, procurar-se-á saber o que determinado autor escreveu e saber portanto que imagem este autor tinha, ou gostaria de passar deste Império Incaico.

Interessa-nos saber a mensagem e a imagem que tais crônicas pretendiam passar. No entanto, mais do que salientar a especificidade de cada uma, o que demandaria um tempo muito maior do que os dois anos que se dispõe para esta pesquisa, pretende-se trazer

⁴⁵ *Reading inca history*, Op. Cit.

⁴⁶ *Ibidem*.

à tona o elemento ou elementos que foram comuns a crônicas tão díspares, entender a verdade que essas crônicas criaram.

As regras que permitem que se aceite a idéia de um Império Inca justo, feliz e homogêneo estão, sobretudo, nas crônicas⁴⁷. Por isso a elas é que se vai em primeiro lugar, para se procurar este conjunto de regras. No caso andino estas regras estão definidas em grande parte em torno de um elemento. Este elemento foi a simplificação do mundo andino através da unidade - falsa unidade. Esta unidade no entanto, segundo entendemos, foi feita sob a égide de dois principais signos: o primeiro, idólatra, o segundo, inca.

É importante salientar que não se observa aqui, contudo, um movimento contínuo. Não se poderia falar em continuidade do século XVI ao século XX na maneira de se retratar o Império Incaico, não poderíamos nós também criar essa falsa unidade nas fontes. Na verdade o multiculturalismo, a diferença ente usos e costumes é muito bem percebida pelos primeiros cronistas, e isso ficara claro em alguns fragmentos que serão analisados nestes trabalho.

A imagem que alguns cronistas produziram, principalmente os pró-conquista, foi a imagem do índio idólatra. Não importa o povo, não importa a cultura, porque há algo muito maior que unifica a todos, a idolatria. Este termo, que será devidamente analisado, tanto pode ser a senha para a justificação das conquistas, dos massacres e dos “regicídios,” como a senha para a piedade, para o amor aos índios e sua conseqüente conversão O impacto de tudo isso fica em muito mitigado quando se pensa que, afinal, trata-se apenas de infiéis idólatras..

⁴⁷ Isso não implica dizer que essas crônicas retratem o Império desta forma (como justo, pacífico etc...), embora possa ser verdade para alguns casos. Mas algumas leituras feitas a partir dessas crônicas, principalmente a partir do século XIX, é que acabam por sedimentar essa imagem.

Mas essa não é a imagem que se tem hoje. Como já foi dito, a sensação de unidade hoje em dia, passa pela mitificação de um Império justo e harmônico, que continha em suas fronteiras um povo feliz e engenhoso, como em um filme de Hollywood, e onde todos eram Incas. E aí se esquece que, da mesma maneira como não era fácil ser um não-romano no mundo romano, não era e nem podia ser fácil ser um não-Quíchua em um mundo dominado por Cuzco.

Contudo, é mais fácil entender como formou-se essa imagem mitificada de hoje se entendermos a unidade primeira que se criou sobre o termo idólatra. Por isso, voltemo-nos agora para a primeira regra, a do idólatra. Analisemos como essa imagem aparece em algumas crônicas e as diferenças dos relatos. Depois então, vejamos como este povos passaram de “bárbaros idólatras” para incas “justos e pacíficos,” analisando assim a segunda regra que unifica, o termo inca.

Da idolatria, ou a arte de falar com o demônio..., Huacavillac.⁴⁸

"Los que viven en los Antis comen carne humana.

Son más fieros que tigres, no tienen dios ni ley,

ni saben qué cosa es virtud. Tampoco tienen ídolos

ni semejanza de ellos. Adoran al demonio cuando

se les representa en figura de algún animal o de alguna serpiente y les habla..."

(Blas Valera, APUD Garcilaso de La Vega comentarios reales de los Incas, Vol. I, cap. XI)

"Es publico , y entendido dellos mismos, que hablan con el demonio los que para ello estaban escogidos"

(Cieza de León 1984:42)

O que é idolatria para estes espanhóis⁴⁹ do século XVI? Não se pode esquecer que estes homens acabam de expulsar de seu território os mouros que por setecentos e setenta anos habitaram sua península. Não obstante o fato de serem pessoas habituadas às diversidades culturais, há uma diversidade que a nova nacionalidade espanhola, fundada sob a união dos reis católicos de Castela e Aragão não pode e não deve permitir: a diversidade religiosa. O Catolicismo triunfante substituiria a identidade nacional.⁵⁰

⁴⁸ Molina nos informa que Huacavillaca quer dizer aquele que fala com a Huaca, o maior dentre os feiticeiros, para Molina, aquele que fala com o demônio. Essa informação Molina fornece citando Arriaga.

⁴⁹ Permito-me o uso do termo espanhol, mas não sem esclarecê-lo. Digo espanhol, mas há os casos de Filipe Guaman Poman de Ayala e Garcilaso de La Vega. O primeiro, embora não se saiba com certeza seu local de nascimento, em Huánuco, Huamanga ou Cuzco, sabe-se que nasceu com certeza no Peru, e escreveu um trabalho bem menos "europeu" do que o de Garcilaso. Este, apesar de nascido em Cuzco, talvez pela influência dos longos anos passados na Espanha, escreve uma obra ambígua e interessante. Há ainda outros importantes cronistas autóctones, mas aos quais não tive acesso, como Santa cruz pachacútec. porque todos os cronistas por mim citados aqui são espanhóis, o que não implica dizer que todos os cronistas que escreveram sobre o Peru pré-colonial ou colonial fossem. Há entre os cronistas por exemplo italianos como fr. Marcos de Niza, Girolamo Bonzoni Fr. Juan Anello de Oliva e Andrea Bacci. É preciso ainda salientar que embora esteja usando o termo "espanhol", e de se tratar de um termo recorrente nas fontes do XVI não há aqui, nem nas fontes, o significado que o termo veio a assumir principalmente depois do século XIX, com um sentido de nação.

⁵⁰ BERNARD, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*, São Paulo, Edusp, 1997, p.60.

A dicotomia entre cristãos e infiéis, que por séculos separara a península Ibérica, já não mais existia. Mas então eis que se descobre um Novo Mundo, e esta dicotomia é então para ele transferida: de um lado os cristãos, de outro os índios infiéis, bárbaros, idólatras: os novos mouros.

A diferença desta vez é que sob o termo “idólatras” estão não mais os mouros e sim centenas de diferentes povos de diferentes culturas mas que a partir de agora começavam a ser aglutinados em um grande grupo.

A idolatria pode e foi entendida de diferentes maneiras ao longo do tempo. De maneira geral, a idolatria está ligada à adoração ao falso, a um deus que não é e não pode ser o verdadeiro deus. Em contraponto à “*latria*”, ou verdadeira adoração, os idólatras adoram a um simulacro de deus.

No entanto a idolatria americana como instrumento de análise e classificação, não começa no Peru. De fato nasce com a conquista do México, nasce sob o olhar de Cortés e seus homens, que registra que:

“ Tienen sus mezquitas y adoratorios y andenes todo a laredonda muy ancho y allí tienen sus ídolos que adoran... a los cuales honran y sirven de tanta manera y con tantas ceremonias que en mucho papel no se podría hacer de todo ello...entera y particular relación...Queman en las dichas mezquitas incienso y algunas veces sacrifican sus mismas personas... y tienen otra cosa horrible y abominable y digna de ser punida que hasta hoy no habíamos visto en ninguna parte y es que todas las veces que alguna cosa quieren pedir para que que más aceptasen su petición, toman muchas niñas e niños y aun hombres y mujeres de mayor edad y en presencia de aquellos ídolos los abren vivos por los pechos y les sacan el corazón y las entrañas y queiman las dichas entrañas delante de los ídolos y ofreciéndoles en sacrificio aquel humo...”⁵¹

A idolatria que percebe-se no Império Inca não é pois uma novidade, mas sim uma constatação de algo de que já se desconfiava. Hernán Cortés, ao descrever uma idolatria americana, inaugura uma tendência que será seguida no Peru, de "localizar-se idolatrias e idólatras, identificá-los, etiquetá-los e descrevê-los"⁵²

Apesar de englobarmos todos os autores no rótulo "cronista" há de se perceber que havia diferenças de estilo e até mesmo de intenções entre eles, como já foi dito. Além da dicotomia maior entre cronistas espanhóis e cronistas não europeus, há também diferenças dentro destes grupos. O "índio" Guaman Poman não escreve como o "índio" Garcilaso. O jesuíta Acosta tem interesses e maneiras de relatar diferentes do dominicano Las Casas, bem como os têm os não clérigos como Cieza de León e Agustín Zárate.

O historiador peruano Julian Santisteban Ochoa, em seu estudo *Los Cronistas del Peru*⁵³, chega a dividi-los por vários critérios diferentes, como por nacionalidade, por profissão, pela ordem cronológica de seus escritos, pela raça (índios, mestiços, europeus), e outros critérios ainda.

Contudo, apesar desta diferença entre os cronistas, percebe-se em seus relatos um ponto convergente: a visão dos índios como idólatras. Este pensamento perpassa os trabalhos de todos estes cronistas acima citados e de tantos outros. Apesar das diferenças de estilos, das maneiras como são construídas as descrições dos idólatras, e da própria noção de idolatria de cada um⁵⁴ esta foi a primeira grande generalização do tão diversificado mundo Andino.

⁵¹ PAGDEN, Anthony e ELLIOT, J. H. *Cortes, letters from Mexico*, Londres, Yale University Press, 1986. pp.22-24.

⁵² Bernard, Carmen e Gruzinski, Serge. *De la idolatría - una arqueología de las ciencias religiosas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1988. pp.13-15.

⁵³ Ochoa, Julian Santisteban. *Los Cronistas del Peru*, D. Miranda, Cuzco, 1946. p. 54

⁵⁴ Pierre Duviols em sua obra *La destrucción de las religiones Andinas*, Mexico, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1977, identifica dois principais "modelos" de idolatria, um de Las Casas e outro de

Vamos fazer uma breve análise dos relatos de alguns cronistas, identificando neles como esta "idéia de unidade" surge através da idolatria. Tentaremos também a partir dos próprios cronistas identificar elementos que nos permitam enxergar a diversidade cultural do mundo Andino, diversidade esta que os cronistas, muito melhor do que nós, conseguiram enxergar.

O primeiro termo a homogeneizar o multicultural império dominado pelos Incas não foi outro senão idólatra⁵⁵. Aí estava o principal e mais sério antagonismo que distava europeus e "bárbaros" americanos. Interessante notar contudo que, nestes primeiros tempos, o olhar europeu conseguia diferenciar culturalmente os povos do Império Inca. Tratava-se pois de povos diferentes que tinham entre si o fato comum de serem idólatras. Mas por que será que os espanhóis tiveram logo de saída a percepção de que tratava-se de um Império multicultural? Primeiro, porque o era, e o era visivelmente. A diversidade saltava aos olhos, e por mais que não fossem acostumados àquelas culturas, conseguiam identificar diferenças visíveis.

Segundo, porque trata-se de um tempo onde é necessário "dividir para dominar." Interessa, politicamente, não só identificar mas, se necessário e possível, fomentar as

Acosta. Segundo o autor o modelo Lascasiano implicaria entender a idolatria como fruto de uma necessidade natural do ser humano, a de se buscar a Deus. Se não houvesse quem orientasse para a direção da verdadeira busca, a latria, distorções poderiam ocorrer, mas o importante é que mesmo a idolatria nasce de uma fonte essencialmente boa: a vontade de se conhecer a Deus. Para Acosta a idolatria já seria fruto de uma mentira, é também uma distorção mas uma distorção arquitetada, programada, intencional e engendrada pelo príncipe das trevas, o demônio. Logo a idolatria era além de uma mentira e de um falso culto, uma relação com o próprio demônio. Ainda sobre este assunto, Carmen Bernard e Serge Gruzinski sustentam que o modelo Lascasiano, que chamam de "rede lascasiana" encerra um modelo chamado de "idolatria sistema" a partir de Durán e Molina, constitui-se o que os autores chamaram de "idolatria-desvio" (*De la idolatria - una arqueología de las ciencias religiosas*, Op. Cit. p.81). Uma idéia que se aproxima bastante de Duviols, haja vista que Acosta estaria inserido neste último esquema.

⁵⁵ É bem verdade que o primeiro debate que se travou logo que a América foi descoberta não foi sobre a idolatria dos Americanos, e sim sobre sua "natureza humana". É só em dezembro de 1512 que a lei de Burgos institui juridicamente a natureza humana dos índios americanos, e a partir daí a idolatria tornou-se um assunto mais presente.

diferenças entre os vários povos dominados pelos Incas. É interessante, sobretudo, ajudar esses vários povos a se rebelar contra o Império opressor.

Pode-se perceber por exemplo, em inúmeras passagens do cronista Cieza de León, como ele fazia a descrição dos diferentes povos que ia encontrando ao longo da imensa jornada que fez desde o lago Urabá, na Colômbia, até o norte da Bolívia.

Este cronista, que é dentre aqueles que escreveu sobre o Peru o que talvez seja mais renomado⁵⁶, nasceu em Llerena (Badajoz) e em 1535, após ouvir os relatos das coisas maravilhosas que havia neste novo continente Americano, resolveu ele mesmo embarcar rumos às Índias, do alto de seus incompletos dezesseis anos. Feito o trajeto já acima mencionado, volta à Europa onde consegue, em 1553 imprimir a primeira parte de sua obra, que chamou de *Crónica del Perú*. O restante de sua obra permaneceu por muito tempo manuscrita, porque sua morte, já em 1554, o impediu de seguir adiante o projeto de ir imprimindo-a.

Em sua introdução León deixa claro quais são seus três objetivos principais: primeiro, quer escrever porque nota que apesar de estarem todos vendo coisas extremamente maravilhosas e dignas de nota, ninguém o está fazendo! Segundo, quer deixar documentado para a posteridade como os espanhóis livraram aqueles povos, descendentes como eles espanhóis de Adão e Eva, do jugo do demônio. Por fim, o escritor quer mostrar às gerações futuras de que forma ampliou-se o Império de Filipe III. Mas deixemos que o próprio autor nos diga suas intenções:

“Y cobrando ánimo, con mayor confianza determiné de gastar algún tiempo de mi vida en escribir historia. Y para ello me movieron las causas siguientes:

La primera, ver que en todas las partes por donde yo andaba ninguno se ocupaba en escribir nada de lo que pasaba. Y que el tiempo consume la memoria de las cosas, de tal manera, que se no é por rastros e vias exquisitas, en lo venidero no se sabe con verdadera noticia lo que pasó.

La segunda, considerando que, pues nosotros e estos indios todos traemos origen de nuestros antiguos padres Adán y Eva, y que por todos los hombres el Hijo de Dios descendió de los cielos a la tierra, y vestido de nuestra humanidad, recibió cruel muerte de cruz para nos redimir e hacer libres del poder del demonio, el cual demonio tenía estas gentes, por la permisión de Dios, opresas y cautivas tantos tiempos había; era justo que por el mundo se supiese en qué manera tanta multitud de gentes como destos índios había fue reducida al gremio de la santa madre Iglesia, con trabajo de españoles; que fue tanto, que otra nación alguna de todo el universo no los pudiera sufrir. Y así los elogió Dios para una cosa tan grande, más que a otra nació alguna.

Y también porque los tiempos que han de venir se conozca lo mucho que ampliaron la corona real de castilla. Y como siendo su rey y señor, nuestro invictíssimo emperador, se poblaron los ricos y abundantes reinos de la Nueva España y Perú, y se descubrieron otras insulas y provincias grandísimas.”⁵⁷

Perceba que as intenções de León ao escrever sua obra estão todas fundadas em uma necessidade premente de comunicar, às futuras gerações o que foi feito e como foi feito. Já nas intenções fica claro também que para o autor "o demônio tinha aquelas pessoas..". Mas não fica ainda claro aqui a afirmação feita anteriormente, de que os primeiros cronistas conseguem identificar a heterogeneidade cultural dos Andes. Será que Cieza de León conseguiu também notá-la? Analisemos um trecho onde temos suas primeiras impressões sobre a América:

"No tienen casa nem templo de adoración alguna, ni hasta ahora se les ha hallado más de que ciertamente hablan con el diablo los que para ello señalan, y le hacen la honra que pueden, teniéndolo en gran

⁵⁶ Nesta parte seguimos de perto as informações fornecidas por Carmelo Saen para a edição do Consejo Superior de Investigaciones Científicas da *Obras Completas* de Cieza de León.

veneración. El cual se les aparece (según yo he oído a algunos de ellos), en visiones espantables y terribles, que les pone su visita gran temor. No tienen mucha razón para conocer las cosas de naturaleza."⁵⁸

Comparemos agora com um outro trecho, retirado da narrativa de León sobre os Collaos, povo que estava situado perto do lago Titicaca, mais ao centro sul do Império.

"Estos naturales del Collao dicen lo que todos los más de la sierra, que el hacedor de todas las cosas se llama Ticeviracocha, y conocen que su asiento principal es el cielo; pero engañados del demonio, adoraban en dioses diversos, como todos los gentiles hicieron..."⁵⁹

No primeiro trecho o autor encontra uma população que, segundo sua observação viviam sem casas, sem templo, ou seja, em uma "barbárie total". Cieza nos informa ainda que os ditos índios tinham uma relação com o demônio. Há de se salientar que é uma relação consciente, o cronista nos informa que os homens do primeiro relato falam com o demônio e o tem em grande veneração. Trata-se portanto de cumplicidade e não da bastante usual e menos terrível relação onde o demônio aparece como enganador, como na serpente que impeliu Eva ao pecado original.

No segundo trecho no entanto, podemos perceber através da narração de Cieza que ele encontra um povo que, como podemos concluir a partir dos adjetivos e de sua maneira de narrar, considerava superiores aos primeiros. Esta superioridade pode ser percebida quando notamos que o autor enfatiza o fato destes índios terem sido enganados pelo demônio e de não o adorarem diretamente como os primeiros. Além disso eles sabem da

⁵⁷ Cieza de León, Pedro. *Obras Completas*, Org. Carmelo Saenz de Santa Maria, Madrid, CSIC, p.3.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 126.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 126.

existência de um deus fazedor de todas as coisas, como os cristãos, porém, como Eva, foram enganados pelo demônio, e, como consequência disto, adoram vários deuses.

A comparação entre estes dois trechos nos permite uma breve reflexão. Primeiro, que Cieza de León encontrou dois povos diferentes, com rituais religiosos distintos. Isto fica claro no relato na descrição da maneira de viver e também na "relação" com o demônio que o cronista identificou em cada um deles. Enquanto o primeiro o adorava diretamente e recebia orientações, o segundo era enganado. É claro que esta é a maneira de Cieza expressar como estes povos se diferenciavam. Essa relação tem um significado claro no relato e que fica evidente na segunda parte do segundo texto, que diz respeito a hierarquização do ritual religioso. Quanto mais parecida com a tradição religiosa cristã, mais perto ou mais longe a tradição religiosa local estava do demônio. Porém estas diferenças religiosas só são percebidas nas entrelinhas, não constituem a visão principal do autor. Para ele, o essencial, é que se tratavam de idólatras, assim sendo, a religião, um dos fatores que diferenciava os vários povos Andinos, torna-se o principal elemento unificador no relato do cronista.

Um outro bom exemplo é a *Historia natural y moral de las indias*⁶⁰ do Padre jesuíta José Acosta. Jesuíta de ascendência portuguesa, nasceu em Medina del Campo em 1540. Iniciado na Companhia de Jesus em 1551, em 1572 chega a Lima, durante o período do vice-rei Toledo. Em Cuzco, recebe o cargo de visitador de colégios, e a trabalho esteve em Arequipa, La Paz e Chuquisaca.

Em 1584 escreve sua obra "*De natura novi orbis libri duo. Et de promulgatione evangelii*". Em 1590 publica "*Historia Natural e Moral de las Indias*." Sua obra está dividida em sete livros dos quais os quatro primeiros trazem uma descrição física da fauna

e flora andina e também trata sobre a origem do universo. Os livros de V a VII tratam do que ele chama história moral - costumes e, se podemos assim falar, "descostumes" dos índios⁶¹.

No entanto o fundamental para nós neste momento é centrar-nos nas análises que Acosta faz em sua obra sobre a idolatria. Começemos pelo seu conceito de idolatria e de bárbaros:

"Los pueblos indios son innumerables, tiene cada uno de ellos determinados ritos propios y costumbres y se hace necesaria una administración distinta según los casos... **Pues aunque se llama indios a todos los bárbaros descubiertos en nuestros días por los españoles y portugueses...** Según la definición de prestigiosos autores, **bárbaros son aquéllos que se apartan de la recta razón y de la práctica habitual de los hombres...** Por numerosas que sean las provincias, naciones y estirpes de los bárbaros, a mi entender, tras prolongado y concienzudo examen, son tres las classes, por así decir, de bárbaros, com grandes diferencias entre sí, a las que se pueden reducir casi todas estas naciones indianas.

La primera clase es la de aquéllos que no se apartan gran cosa de la recta razón y de la práctica de género humano... En la segunda clase incluyo a aquellos bárbaros que, aunque no han conocido el uso de la escritura ni las leyes escritas ni la ciencia filosófica o civil, tienen, sin embargo, sus magistrados bien determinados, tienen su régimen de gobierno, tienen asentamientos frecuentes... Viniendo ya la tercera y última clase de bárbaros, es imposible decir el número de pueblos y regiones de este Nuevo mundo comprende. En ella entran los hombres salvajes, semejantes a las bestias, que apenas tienen sentimientos humanos..."⁶²(Grifo meu)

⁶⁰ Acosta, Jose. *Historia Natural y Moral de las Indias*, México, Fondo Cultural, 1979.

⁶¹ Principalmente no que diz respeito ao México, há uma certa tendência em concordar-se da "pouca originalidade" de Acosta. Isso porque, em 1856, José Fernando Ramírez descobriu no convento máximo de São Francisco, no México, um códice, posteriormente chamado códice Ramírez em homenagem a seu descobridor. O códice, que ao que parece teria sido escrito inicialmente em nahuátl - por um índio anônimo - e depois traduzido para o castelhano, trazia muitas informações idênticas às trazidas por Acosta, que ao que tudo indica, teria tido acesso ao códice.

"La experiencia ha enseñado abundantemente que la naturaleza de los bárbaros es completamente servil. En la práctica, si no se les hace alguna fuerza como a los niños, no entran por la obediencia. Qué hacer, pues? Sólo la gente de condición libre y de juicio maduro ha de tener esperanza de salvación? No habrá que poner también a los niños un educador en Cristo? Sin duda alguna. Habrá que emplear un procedimiento de mayor cautela y vigilancia; habrá que usar a veces la vara, pero por amor a Dios; habrá que instarles a que entren en la cena, pero por amor al Señor. Hay que buscar a ellos mismos y no sus cosas".⁶³ (Grifo meu)

Se analisarmos os termos grifados no segundo e no primeiro texto, perceberemos que o pensamento de Acosta é construído de maneira a igualar todos os índios sobre o termo idolátras. Bárbaros segundo Acosta são todos aqueles que se apartam da "reta razão e da prática habitual dos homens", ou seja: :os não cristãos. Todos os bárbaros têm uma "natureza" comum, que é servil. Chama-se de "índios" a todos os bárbaros encontrados pelos portugueses e espanhóis neste continente americano. Portanto todos os índios são possuidores de uma natureza servil e assim como crianças, precisam ser re-educados. A idolatria destes povos, como elemento básico unificador deles, justifica pois práticas como catequizações por exemplo, e também ações mais "enérgicas", afinal às vezes, "por amor a Deus", será preciso "usar a vara".

É interessante notar que tanto Acosta como Cieza de León percebem que há diferenças de línguas, cultura, enfim, de povos entre aquilo que eles chamam de bárbaros⁶⁴. No entanto estas diferenças são ignoradas, porque afinal o que os une, na ótica destes autores, é muito mais forte do que aquilo que os separa.

⁶² *Ibidem*, Proêmio.

⁶³ *Ibidem*, Liv. I Cap. VII. É importante explicitarmos que esta fala de Acosta está profundamente engajada no debate Aristotélico da natureza servil dos bárbaros que está sendo travado neste momento.

⁶⁴ Sobre o termo bárbaro autores como Hartorg, Op. Cit, e García-Gual, Carlos " La visión de los otros en la antigüedad clásica, In Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J Op. cit. pp 7-35, nos falam do surgimento da palavra bárbaro, que para os gregos eram aqueles que não falavam a língua

Fica evidente ainda em Acosta que, como já foi dito anteriormente, a idolatria é uma criação do próprio demônio:

"De aquí procede el perpetuo y extraño cuidado que este enemigo de Dios ha sempre tenido de hacerse adorar de los hombres inventando tantos géneros de idolatría con que tantos tiempos tuvo sujeita la mayor parte del mundo"⁶⁵.

Há de se salientar a diferença deste entendimento para o de Las Casas. Os dois consideram a idolatria como o resultado de um falso culto e de uma falsa adoração. No entanto enquanto o dominicano entende que o demônio se aproveita desta vontade de adorar, para infundir um falso culto, ou seja, parte de um desejo bom que é deturpado, o jesuíta afirma, como vemos acima, que este falso culto parte da necessidade que o diabo tem em ser adorado. Ou seja, aqui parte-se já de um princípio que é em si nefasto. A idolatria é um mal irremediável porque traz consigo corrupção desde o seu princípio. Mais do que isso, a idolatria nasce no coração do próprio demônio. Acosta afirma ainda que esta idolatria já foi extirpada da "melhor" e "mais nobre" parte do mundo:

"Mas en fin, ja que la idolatría fué extirpada de la mejor y más noble parte del mundo, retiróse a lo más apartado y reinó en esta otra parte del mundo, que aunque en nobleza muy inferior, en grandeza y anchura no és."⁶⁶

Ora, trata-se pois de uma troca. Como se o demônio, sem opção, tivesse trocado "qualidade" por "quantidade." Porém ele, que já foi derrotado uma vez, sofrerá uma nova

grega. Contudo na América a barbárie não se dá fundamentalmente em oposição à língua e sim em relação à religião. Os índios são bárbaros, sobretudo, porque são idólatras.

⁶⁵ *Ibidem*. pp217.

derrota neste Novo Mundo. É para isso que estão aqui os jesuítas. É por isso que se justifica a conquista, ou melhor, seus excessos. Mas seguindo em sua análise desta idolatria, o jesuíta nos informa dos dois principais ramos da idolatria:

"...Pero reduciendo la idolatría a cabeza, hay dos linages de ella: una cerca de cosas naturales; otra cerca de cosas imaginadas o fabricadas por invención humana."⁶⁷

Estas duas idolatrias o autor identifica no Peru. No que diz respeito ao primeiro tipo, Acosta logo o associa ao culto que os nativos tinham das huacas. Vale à pena lembrar que este culto das *huacas* - que tanto podem ser lugares como objetos sagrados, como uma pedra ou o próprio sol - pode ser considerado como uma característica pan-andina. O que variava era a *huaca* a ser adorada. Do segundo tipo de idolatria, que Acosta divide ainda em dois, a das coisas imaginadas e a das coisas fabricadas, pode-se dizer a mesma coisa.

Dentro da miscelânea de deuses e *huacas*, Acosta identifica um a quem compara ao *ignoto dei* do apóstulo Paulo: Viracocha. Para Acosta, O deus andino, de quem os espanhóis teriam sido identificados como filhos, pode cumprir aqui o papel que o deus desconhecido teve na pregação paulina. Este deus, de quem pouco se sabe, pode ser identificado ao verdadeiro Deus, a quem, segundo o jesuíta, essas gentes de tão bárbaras que são não conseguiram sequer nomear:

"De donde se ve cuán cirta y flaca noticia tenían de Dios, pues aun nombrarle no saben sino por nuestro vocablo..."⁶⁸

⁶⁶ *Ibidem*, pp.218.

⁶⁷ *Ibidem* 218-219.

⁶⁸ *Ibidem*, 220.

E é por isso que se deve levar o verdadeiro evangelho a essas gentes idólatras. E essa verdade é tão contundente que facilmente é apreendida pelos nativos. Da mesma forma que em Garcilaso os Incas levam a civilização aos povos conquistados de uma maneira estranhamente pacífica e muito mais através de argumentos do que de armas⁶⁹, também aqui, a verdade civilizatória cristã se impõem de maneira quase natural:

"Y si con razones suaves y que se dejen percibir, les aclaran a los indios sus engaños y cegueras, admiravelmente se convence y rinden a la verdad."⁷⁰

O jesuíta nos informa ainda de um fenômeno sobre o qual já nos advertira antes Cieza de León: a habilidade, ou melhor diríamos a crueldade, de falar com o demônio. Aqui, estar-se a falar dos contatos que havia entre os índios e o demônio no tempo de Pachacama, que o autor nos informa ficar a "quatro léguas de Lima". Vejamos:

"...En este templo hay relación cierta que hablaba visiblemente el demonio, y daba respuestas desde su oráculo, y que a tiempos, veían una cuebra muy pentada; y esto de hablar y responder el demonio en estos falsos santuarios, y engañar a los miserables, és cosa muy común y muy averiguada en Indias, aunque donde ha entrado el Evangelio y levantado lo señal de la Santa Cruz, manifestamente ha emudecido el padre de las mentiras, como de su tiempo escribe Plutarco..."⁷¹

No afã de mostrar-nos e relatar-nos as idolatrias destas gentes da América, é certo que o autor nos fornece preciosas informações e descrições de templos, instituições ou práticas sociais etc. Contudo, mostra-se muito menos sensível às diferenças do que León o

⁶⁹ Como se verá mais adiante.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *Ibidem*, p.236.

foi cerca de sessenta anos antes. Para ele não há grandes diferença entre esses índios, nesse critério que está a avaliar mais a fundo: a idolatria. Quando muito, faz descrições separadas sobre México e Peru. Por vezes separa os itens que analisa por tipos, como o fez com a idolatria, e como faz com os sacrificios logo abaixo:

" A tres géneros de sacrificios podemos reducir todos los que usan estos infieles: unos de dosas invidibles, otros de animales y otros de nombres...El modo de matar cualquier res, chica o grande, que usaban los indios, según su cerimonia antigua, es la propia que tienen los moros, que llaman el alquible, que és tomar la res..."⁷²

Acosta salienta ainda os ardis usados pelo inimigo para tornar seu culto ainda mais parecido com o culto verdadeiro, com a latría:

" Lo que más admira de la envidia y competencia de Satanás, és que no sólo en idolatrías y sacrificios, sino también en cierto modo de ceremonias, haya remedado nuestros sacramentos, que Jesucristo Nuestro Señor instituyó y usa su santa Iglesia..."⁷³

Para finalizar, um exemplo que mostra bem a audácia do inimigo em imitar a verdadeira fé:

"Y cierto de notar que en su modo, el demonio haya también en la idolatría introducido trinidad, porque las tres estatuas de sol se intitulaban apointi, churuinti y intiquaqui, que quiere decir el padre y señor sol, el hijo sol, el hermano sol...Acuérdome que estando en Chuasca, me mostró un sacerdote honrado una información, que yo la tuve harto tiempo em mi poder, en que había averiguado de cierta guaca o adoratio donde los indios profesaban adorar a tangatanga, que era un ídolo, que decían que en uno eran tres y en tres eran uno. Y admirándose aquel sacerdote de esto, creo le dije que el demonio todo quanto podía hurtar de la

⁷² *Ibidem*, p. 246.

verdad para sus mentiras y engaños, lo hacia con aquella infernal y porfiada soberbia con que siempre apetece ser como Dios."⁷⁴

Assim o leitor é levado a fazer algumas reflexões. Afinal, Acosta mostra como a idolatria é tenebrosa, e é também fruto de uma grande mentira. Um simulacro de culto, de fé. A derivação que se faz deste raciocínio é: o que se esperar de um Império fundado todo ele sobre esse alicerce? A resposta, ajuda-nos a pensar sobre os efeitos políticos destes argumentos, porque é certo que não se pode esperar um Império verdadeiro fundado em princípios tão falsos e nefastos, pode-se no máximo, se esperar um simulacro de Império.

Outro cronista pertinente para análise é Agustín de Zárate, secretário do Real Conselho de Castela. Ele chegou a província do Peru em 1553 publicou sua obra⁷⁵ em 1555, e como veremos também percebeu que os Andinos pré-colombianos não formavam um só povo. Zárate aliás vai além, e mostra uma maior percepção das diferenças entre os povos indígenas. Ele divide o país entre a parte situada entre as montanhas e o mar, que ele chama de planície, e todo o restante, que chama de *sierra*:

All Peru that has been discovered is described by two names; the parts between the mountains and the sea, wether broad or narrow are known as the plains, and the rest is called the *sierra*⁷⁶

Zárate percebe ainda que estas regiões são constituídas de povos diferentes, e indo além nos diz que mesmo dentro da planície e da sierra, há diferenças de tribos. Sobre os índios das planícies ele diz:

⁷³ *Ibidem*, p. 255.

⁷⁴ *Ibidem*, 268.

⁷⁵ Zárate, Agustín de. *The Discovery and Conquest of Peru*, Harmondsworth, Penguin Books, 1968. Trad. J.M. Cohen.

"The indians do not live in houses, but under trees or in arbours. The women wear gown-like cotton to their feet, and men aprons and shirts to the knee with a cloak on top. But although this way of dressing is common to all, they differ in their headgear according to the fashion of each country...Everyone wears something on his head, but there are differences from province to province."⁷⁷

Sobre os índios da planície informa-nos o relato:

"The indians of the plains are divided into three tribes: the Incas, The Tallans and the Mochicas. There is a different language in each province."⁷⁸

A constatação de que os espanhóis conheciam a diversidade de raças do Império que eles estavam dominando é importante por dois motivos:

O primeiro por que nos faz lembrar hoje desta diferenciação e segundo porque observamos que esta evidente diversidade não era capaz de desfazer uma idéia maior de unidade, a de índios bárbaros e idólatras, como já dissemos. Saber que existiram diferentes povos com diferentes culturas nos Andes pré-colombianos, não implica em considerar estas diferenças importantes. Elas foram importantes e foram consideradas enquanto ajudaram a alcançar um objetivo prático, a conquista e esfacelamento do Império Inca. Podemos notar isso quando percebemos que Pizarro fez uso dos povos inimigos de Atahualpa para obter informações do soberano Inca, da movimentação dos seus exércitos e para conseguir aliados e guias. E não se tratavam somente de Incas que se encontravam ao lado de

⁷⁶ *The Discovery and Conquest of Peru*, Op. Cit. p. 36

⁷⁷ *Ibidem*, p. 37.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 38.

Huáscar, mas também de tribos inteiras que não queriam o domínio nem de um nem de outro.

Fazendo uso aqui da análise que Janice Theodoro fez em relação a Cortés no México⁷⁹, podemos repetir o que já dissemos, que Pizarro foi moderno e maquiavélico. Dividir para dominar. Porém tendo sido o Império já dominado, havia a necessidade de unir para governar. A partir de então as diferenças foram mitigadas, esquecidas e todos se tornaram, simplesmente idólatras.

Outro cronista interessante é Cristóbal Molina, o cusquenho. Sobre Molina nos informa Ochoa:

"Hasta ahora nada se sabe acerca del origen del presbítero don Cristóbal de Molina el cusqueño. Para su biógrafo don Carlos A. Romero, este cronista es mestizo, cusqueño, como Garcilaso o como Valera, posiblemente hijo del español don Francisco de Molina en alguna india noble de la ciudad Imperial"

Imprecisos são todos os dados sobre Molina. Sobre a data de publicação de sua mais importante obra, *Ritos y Fábulas de los Incas*, estima-se algo entre 1570 e 1584. Molina tem um dos mais interessantes relatos, na medida em que é bastante criterioso ao elencar as diversas formas de idolatria, os vários e diferentes tipos de feitiçarias. Deixe-mo-lo falar:

"tenía también muchas huacas y templos, adonde el demonio daba sus respuestas en algunas naciones y en la ciudad de Cuzco. La huaca de Huanacauri; tenían hechiceros de muchas maneras las provincias, los oficios y nombres de los cuales eran diferentes unos y los otros"⁸⁰

As diferenças culturais expressam-se também nos diferentes tipos de ver o futuro e de praticar a feitiçaria. O cronista informa-nos de uns que podiam praticar suas artes

sortilégicas através das entranhas dos animais, de outros que o faziam através da habilidade de se comunicar com a huacas, e outros ainda que poderiam antever o futuro pelas sementes de milho. Vejamos:

"Los nombres y oficios son los que se siguen: calparicuqui, que quiere decir los que ven la ventura y suceso que habían de tener las cosas que les preguntaban, los cuales para el dicho efecto mataban aves, corderos y carneros, sopalndo por cierta vena los bofes, en ellos hallaban ciertas señales, por donde había suceder. Había otros que llamaban viro piricos, los cuales quemaban en el fuego sebo de carneros y coca, y en ciertas aguas señales que hacían de suceder...Había otros llamados achicoc, que son los sortilegios que com maíz y estiercolde carneros ecghaban suertes: si quedaba pares o nones daban respuestas, diciendo asimismo lo que querían saber dél el que los llamaba...

"Había otros llamados yacarcaes, y éstos eran naturales de Huaro; vieron grandes pacatos con el demonio, según parece por el oficio que hacían en la forma siguiente: tomaban unos cañones de cobre de medio arriba y de medio debajo de plata, de largo un arcabuz de razonable tamaño, y unos braceros en que encendían fuego con carbón, el cualcon los dichos cañones lo soplaban y encendían; y en aquel fuego daban sus respuestas los demonio, diciendo que era el ánima de aquel hombre o mujer por quien ellos preguntaban, ora estivese en quito o es otra cualquiera parte de las del inca conquistado...

Había también otros hechiceros que tenían a cargo las huacas, entre las cuales había algunos que ente algunas dellas hablaban con el demonio y recibían sus respuestas..."⁸¹

Molina evidencia assim a grande diversidade, mesmo quando se trata de "idolatrías", do império incaico. Contudo, as diferenças entre essas práticas, ou mesmo o que essas diferenças podem representar em termos culturais, pouco importa, e seria demais pedirmos que importassem naquele contexto. No geral, tratam-se de idolatrías, e se o autor as separa, se tem o trabalho de diferenciá-las, separá-las, etiquetá-las, é somente para deixar

⁷⁹ Theodoro, Janice. *América Barroca temas e variações*, São Paulo, Ed. Nova fronteira, 1992.

⁸⁰ *Ritos y fábulas de los Incas*, Op.Cit. p. 44.

evidente e clara a quantidade de idolatrias que tinha aquele povo. É simplesmente para destacar o quanto precisavam de Deus, e os únicos mediadores de Deus, naquele contexto, eram eles, os espanhóis.

Os exemplos acima nos trouxeram um breve panorama de como pensaram e escreveram alguns cronistas espanhóis sobre o tema unificador, a idolatria⁸². Vimos que no geral, a idolatria era uma boa justificativa para o domínio do Império Inca. Mas como será que viam essa questão alguns cronistas de origem indígena? Será que também eles unificaram sob a idolatria todas as populações andinas? É claro que trataremos de cronistas com uma forte influência ocidental, contudo, muito embora estes homens já apresentem uma maneira de pensar bastante ocidentalizada, não se pode negar a influência da origem indígena em seus relatos. Trataremos de dois deles, talvez os mais importantes, Garcilaso de La Vega e Guamán Pomán de Ayala.

Garcilaso também tem uma visão unitarista em relação aos Andes, mas, na condição de "herdeiro dos Incas" que reclama para si, tenta fazer uma distinção entre estes e os outros povos. Vejamos por exemplo o trecho abaixo:

" Para que se entienda mejor la idolatría, vida y costumbres de los indios del Perú será necesario dividamos aquellos siglos en dos edades: diremos cómo vivían antes de los Incas y luego diremos cómo gobernaron aquellos reyes, para que no se confunda lo uno con lo otro ni se atribuyan las costumbres ni los

⁸¹ *Ibidem*, pp. 44-48.

⁸² Interessante notar-mos ainda que se analisarmos o movimento messiânico Taki Onqoy (1560 -1570), vamos ver que também para os incas a conquista foi uma batalha espiritual nesse momento. Széminski (Széminski, Op. Cit. p.172) informa como para os seguidores desse movimento (bem estudado principalmente nos vários trabalhos de Juan M. Ossio) a derrota incaica aconteceu exatamente porque o deus dos estrangeiros acabou derrotando suas huacas, e que portanto assim que essas huacas conseguissem derrotar o deus estrangeiro, a "ordem" seria restabelecida nos Andes.

dioses de los unos a los otros. Para cual es de saber que en aquella Primera Edad y antigua gentilidad unos indios había poco mejores que bestias mansas, y otros mucho peores que fieras bravas"⁸³

Nota-se a distinção que Garcilaso faz entre o período pré domínio Incaico e o período pós domínio Incaico. O objetivo desta distinção, como Garcilaso deixa bem claro já na primeira linha do referido trecho, é entender melhor a idolatria, mais uma vez o elemento que une. Vejamos como Garcilaso retrata a idolatria no período Incaico:

" La que Llamos Segunda - y la idolatría que en ella se usó - tuvo de Manco Cápac Inca.... Y que juntamente les enseñaron su idolatria y mandaron que tuviesen y adorasen por principal dios al sol, persuadiéndoles a ello con su hermosura y resplandor...Con estas razones y otras tan rústicas persuadió el Inca Manco Cápac a sus primeros vasallos a que adorasen al sol y lo tuviesen por dios.

Los indios, covencidos con las razones del Inca - y mucho más con los beneficios que les había hecho - desengañados con su propia vista recibieron al sol por dios, solo, sin compañía de padre ni hermano."⁸⁴

Comparando no texto de Garcilaso o que foi a idolatria em uma Idade e o que foi em outra, podemos perceber também um pouco da ideologia do Tahuantinsuyo no que se refere aos povos conquistados. É claro que para o cristão Garcilaso, as duas idolatrias são ruins, mas enquanto na Primeira Idade esta idolatria gera índios que quando bons eram pouco melhores do que bestas mansas e quando ruins pouco piores do que feras bravas, a idolatria do segundo período, o de dominação Incaica, pode ser explicada.

Esta idolatria parte de um argumento que segundo Garcilaso teria sido formulado pela figura mítica do primeiro inca, Manco Capac e de sua irmã esposa, Mama Occlo. O

⁸³ Garcilaso de La Vega, Inca. *Comentarios Reales de Los Incas*, Lima, Fondo de Cultura Económica, 1991.

⁸⁴ *Ibidem*.

convencimento parte de uma explicação racional lógica da origem do mundo e de um deus, e também da parte prática, que são as benfeitorias que este Inca fez aos índios para que acreditassem em seu deus. Como em Acosta e Cieza de León, percebemos a necessidade de Garcilaso em nos dizer que estes índios da Segunda Idade foram de alguma forma enganados.

Foram enganados através de argumentos lógicos concatenados entre si, e também através da reciprocidade. Este pensamento andino, expresso através de uma lógica ocidental também está presente em Guaman Poman de Ayala.⁸⁵ Não analisaremos aqui a questão de se tratarem ou não de obras que expressam a mestiçagem⁸⁶ americana, nos interessando apenas entender como a questão do idólatra foi concebida.

Na carta de Filipe Guaman Poman de Ayala ao rei Filipe III da Espanha que introduz a obra, o autor nos fornece algumas pistas sobre do que se trata a sua obra:

"...con alguna ocasión con que poder servir a vuestra magestad, me determiné de escriuir la historia y desendencia y los famosos hechos de los primeros rreys y señores y capitanes nuestros agüelos y des

⁸⁵ Guaman Poman de Ayala. Filipe. *El Primer Nueva Corónica y buen Gobierno*, Siglo Veintiuno, México, 1980. O livro de Poman de Ayala é além de uma fonte escrita um importante documento iconográfico, já que contém 398 páginas de desenhos e 782 de textos. O "livro" foi concluído em 1615, mas perdeu-se por um longo tempo, só sendo redescoberto em 1908 em Copenhague. Na opinião de John Murra, trata-se da maior descoberta do século para este campo do conhecimento histórico e etnográfico.

⁸⁶ Há um grande debate em torno do conceito de mestiçagem. Em 1947 na sua obra *Les Incas*, Louis Baudin afirma que a mestiçagem não existiu. A respeito do assunto ele observa que o que houve foi uma "justaposição" e não uma "fusão" das raças. " ...Le drame continue de se jouer. Les deaux races se sont juxtaposées sans se fondre." A mesma idéia de não mestiçagem aparece em Bruit, *Bartolomé de Las Casas, a visão dos vencidos*, onde o autor afirma que o índio "melou" o projeto de mestiçagem. Também aparece em Janice Theodoro *América Barroca, temas e variações*, onde a autora comenta que a idéia de mestiçagem é um elemento forjado e que pretende sustentar uma idéia de unidade inexistente. Porém, a idéia de uma cultura mestiça embala quase toda a obra de Serge Gruzinski, em especial seu livro com Carmen Bernard : *Histoire du Nouveau Monde –Les Métissages*. Paris, ayard, 1993. O capítulo VIII tem o sugestivo título « L'impossible Ségrégation » e trata do fracasso do projeto da Coroa Espanhola em constituir duas repúblicas distintas : a dos índios e a dos espanhóis.

principales y uida de yndios y sus geraciones y desendencia desde el primero yndio llamado Uari... y de los doze *Yngas* y de ses ydúlatras y herronía ..."⁸⁷

O autor deixa claro que vai tratar da história dos primeiros senhores do mundo andino e dos doze Incas e suas idolatrias. O Império, devido a sua grande extensão e diferenças de povos, era dividido em quatro partes, como nos informa Métraux⁸⁸: Chíncha - suyo, Cunti - suyo, Colla - suyo e Anto - suyo. Ayala nos faz um relato detalhado da idolatria em cada uma destas divisões:

" ÍDOLOS I VACAS de los Chinchay Suyo que tenían los prencipales del Uarco, Pacha Camac, Aysa Uilca:

Sacrificauan con criaturas de cinco años y con colores y algodones y *tupa coca* y fruta y chíncha. Y acá sacrificauan con ello y con chicha y *mollo* [concha] y *uaccri Zanco* [pan remojado en sangre] y comidas y conejos.

Los yndios Uancas, Xauxa, Hanan Uanca, Lurin Uanca sacrificauan con perros porque ellos comían perros y acá sacrificauan con ello y con *coca* y comidas y sangre de perro y *mollo*. Y acá dizen que dezía: " Señor guaca Caruancho Uallulo, no te espantes quando digere 'uac' [ladrado] que ya saues que son nuestros ganados." Y acá hasta oy día les llaman Guanca, *alco micoc* [Wanka, come-perros]. Y algunos por no quebrantar laley que tienen comen todauía a los perros y se le deue castigar por ello.

Ayamarays sacrificauan Quichi Calla con plata y oro y con cinco niños y carneros *pacos* [alpaca] y agí, lana de colores en cada año.

Y los demás yndios Chinchay Cochas, Tarmas, Yauyos Guanoco, Guaylas, Chachapoya, Canari, Cayanpi, Quito, Angarays, Tanquiua, Sora, Lucana, Andamarca, Parinacocha, Quichiua sacrificauan cada uno en sus *uacas* ydolos que son muy muchos, que por prolixidad no lo pongo. Que a cada destos sacrificauan con criaturas y con oro y plata y rropa, comida y uaxillas de lo que hallauan en todo Chinchay Suyo sus sacrificios. "

⁸⁷ *El Primer Nueva Corónica y buen Gobierno* , Op. Cit.

Na obra de Guamán Pomam há mais três relatos e figuras relativas a estes relatos (266-276). Se referem às outras três partes do *Tawantinsuyo*. Nota-se que Guamán Pomam faz distinção entre os vários povos que habitavam o Império, e faz questão de citar alguns e diferenciá-los. Guaman Póman sabia da importância de se nomear os vários povos, sabia que eles eram diferentes entre si e que o que os ligava era um domínio comum que estavam sofrendo agora. Porém para o cristão Ayala estas diferenças são menos importantes do que a grande oposição criada a partir da chegada dos cristãos. Ao dizer "os índios Uancas sacrificam... ; os Índios ayamaras sacrificam..." e assim por diante notamos que a pesar de serem povos diferentes, para o narrador tem uma conduta única, igual, e que basta para generalizá-los em uma única categoria.

Para finalizar este capítulo, gostaria de volta a um cronista não mestiço, o padre Bernabe Cobo, e ao meu ver resume bem o que se quer explicitar:

"In lands as broad and spread out as the region of America are, it is evident that the people who inhabit them will differ from each other in intelligence, speech, and customs, these differences between individuals will be greater or lesser depending on the remoteness of their place of birth and on the unusualness of its soil and atmospheric conditions. Thus, it is difficult to measure them by the same standard and find unity where it does not exist in such a multitude of nations and peoples. In spite of all this, we still find some customs, rites and vices which all of them, or at least the majority, have in common, even in such a diverse multitude of languages, inclinations, and usages held by so scattered a people. Here I only intend to discuss the most general customs without going in details about what is peculiar to each nation (of the peruvian nations and others, a good deal will be said latter). Moreover, now many of these Americas have received the light of the Holy Scriptures, and with it and by their associations with our Spaniards, they have become much more human and orderly; nevertheless, still others (who constitute the majority) are left in darkness of their heathen ways and barbarious ignorance. It should be noticed, however, that what is said here

⁸⁸ Métraux, Alfred. *Les Incas*, Éditions du Seuil, Paris 1983.

of their rudeness and barbarous customs, is what we find in the heathen indians, and the lesser barbarousness of those who have become Christians should be attributed to the culture, virtue, and efficiency of our sacred religion, which is powerfull for making human beings who live by reason and virtue out of savages nearly as uncouth and inept as unfinished logs" ⁸⁹

Como fica muito claro no texto, as diferenças culturais são sim percebidas. Contudo, há aquelas características, aqueles ritos, aqueles vícios, que são comum a todos, ou seja, contudo há a idolatria, primeiro fator aglutinador. Mas o intrigante é o estranho paralelo que começa a se traçar aqui. Porque da mesma maneira que o Império Inca tirou uma multitude de povos da ignorância e da barbárie - como veremos um pensamento recorrente em Garcilaso e em Guamán Pomán - a religião verdadeira é capaz de tirar estes bárbaros das trevas da idolatria.

Há na epígrafe deste capítulo dois textos: um de Gamboa, com palavras que seriam de Mama Huaco, e que nos mostram muito bem esse paralelo. Os Incas vieram com uma missão civilizadora, e também com uma visão civilizadora vêm os espanhóis. Essa missão civilizadora dos espanhóis está intimamente ligada com o segundo texto da epígrafe, o de Padre Antônio Vieira. Cá estão os homens-brutos, cá estão os homens-pedras, cá estão os homens-troncos, e ora que coincidência, porque é assim mesmo que se refere Cobo a estes homens americanos apartados da fé, na última linha do trecho citado, "homens inaptos como troncos inacabados..."

Essa missão civilizadora da Igreja, há muito vem sido questionada. Seria inapropriado e ingênuo para qualquer um defender, hoje em dia, que a fé católica traria consigo um conjunto de regras morais e "civilizatórias" melhores do que as que por cá já

⁸⁹ COBO, Bernabe. *History of the Inca Empire*, Austin, University of Texas Press, 1998. p.20.

existiam. Mas e a missão civilizatória dos Incas? Por que esta não se discute? Será que neste segundo momento ao se contemplar a unidade sob o termo Inca, não se está a defender esta idéia? Mais ainda, será que esta idéia não é um deslizamento da idéia inicial de uma cultura superior sendo levada através da fé católica? Será que ao pensarmos em um Império Inca justo, feliz harmonioso, não estamos fazendo exatamente a mesma coisa? Será que o paralelismo existente entre a passividade que se nota em alguns relatos no ato da conquista, e em outros no ato da conversão, é uma simples coincidência?

No próximo capítulo, analisaremos a construção do termo Inca, principalmente através das crônicas de Sarmiento de Gamboa, Garcilaso e de trabalhos como o de Prescott. E então esperamos que todas essas questões fiquem mais claras.

Capítulo terceiro

Inca, Modo de fazer.

"Quando dois corpos interagem, a força que o corpo 1 exerce sobre o corpo 2 é igual e oposta à força que o corpo 2 exerce sobre o corpo 1"

3ª Lei de Newton.

"A toda ação temos uma reação de igual valor e sentido oposto." Esta é a simplificação semântica para a terceira lei de Newton. Muito embora a primeira menção à palavra Inca tenha sido feita em 1542, por Estete⁹⁰, o nascimento do inca moderno, tal qual conhecemos hoje, senhor de um Império justo e pacífico, deu-se, pode-se assim dizer, como uma consequência desta terceira lei. A reação, como dissemos, um Império inca mitificado. A ação?

A Ação

Ao certo não se sabe se foi natural de Alcalá de Henáres ou da Galícia, o ano de seu nascimento também não se sabe com certeza, mas se por um lado Garcilaso de La Vega é considerado como o protótipo do cronista peruano, ele, Pedro Sarmiento de Gamboa, é considerado por muitos o protótipo do cronista espanhol⁹¹.

Sua biografia revela o arquétipo do conquistador, sua vida reflete todas as lendas e mitos que há em torno dos cavaleiros medievais dos romances de cavalaria. De sua primeira juventude pouco se sabe, a não ser o fato de que foi aí que talvez tenha aprendido as artes da navegação e da astrologia. Por volta dos dezoito anos, torna-se um soldado de *El Rey* e defende as cores do Império espanhol e da fé católica contra inimigos Reformados na Itália e na Alemanha.

⁹⁰ Pease, Franklin G. Y. *Breve história contemporânea del Perú*, México, FCE, 1995. p.12

⁹¹ OCHOA, Julian Santisteban. *Los Cronistas del Peru*, Cuzco, D. Miranda, 1946. p.78.

Em 1555 embarca para o Novo Mundo em busca de grande aventuras. Contudo sobre ele também deve ter tido um efeito nocivo e deteriorante estes ares de cá, porque nos informa seu biógrafo que o nosso cavaleiro tornou-se uma espécie de vadio, conquistador galante e especialista em pequenos golpes⁹². Aliás, é por conta de um desses pequenos golpes que acaba o nosso ex-nobre cavaleiro nos calabouços da Santa Inquisição, na cidade de *Puebla de los Angeles*, México. Da prisão viu-se livre pouco tempo depois, mas não sem uma sentença: o açoite público.

As feridas geradas em Gamboa não foram somente aquelas causadas pelo chicote. A infâmia, a ignomínia e a vergonha geradas pelo açoite feriram sua honra de cavaleiro como o chicote ferira sua carne de escroque. Decidiu portanto que no México, com tamanha vergonha, não poderia mais viver. É então que decidi embarcar para outra parte qualquer daquele mundo que para os europeus ainda ia-se descobrindo. Assim, aos 25 anos de idade, chega ao vice reinado do Peru o jovem Pedro Sarmiento de Gamboa, autor de uma das mais duras crônicas contra os Incas.⁹³

Muito embora para os propósitos que vamos perquirir neste texto consideremos a crônica de Gamboa como o agente que vai instigar uma reação, não podemos deixar de salientar que é ela própria também uma espécie de reação. Uma reação a tudo que andava dizendo e escrevendo o já citado frei Bartolomé de las Casas. Frei Bartolomé estava anunciando em bom e alto som para toda a Europa a barbárie e crueldade que se instaurara na América em nome da boa fé católica. A tarefa que o vice-rei Toledo havia dado para Gamboa foi por isso a de escrever uma crônica que "explicasse" ao mundo civilizado que

⁹² *Ibidem*, pp.79.

⁹³ Usarei neste trabalho a tradução inglesa de Sir Clements Robert Markham de *Historia de Los Incas*. (Gamboa, Pedro Sarmiento De. *History of the Incas*, Mineola, Dover Publications, 1999).

não se tratava em absoluto de uma barbárie, isto porque os senhores daquele reino, no caso específico do Peru, os Incas, não eram soberanos naturais daquelas terras, eram isto sim usurpadores⁹⁴. Os Incas careciam, portanto, da proteção e bênção de Deus, e da piedade espanhola. A tarefa de Gamboa era "propiciar à real consciência do monarca um porto seguro e tranqüilo."⁹⁵

A obra de Sarmiento é ao mesmo tempo uma defesa da conquista e uma importante fonte da história Inca. Isto porque o livro "a história dos Incas⁹⁶" é o resultado da soma do que Gamboa escreveu em Cuzco, por ordem do Vice Rei Toledo, mais sua maneira de interpretar os famosos quatro panos onde estavam pintados os reis Incas e suas histórias.⁹⁷ O objetivo de Gamboa ao que parece será atingido e Sua Majestade terá a consciência tranqüila, porque ele logo verá que os Incas, além de serem idólatras dominados pelo demônio, eram ainda usurpadores. Uma eficaz mistura de argumentos histórico-teológicos justificam, portanto, a conquista. Contudo já afirmamos coisa semelhante aqui em relação aos primeiros cronistas, já dissemos que a idolatria foi o que primeiro uniu, na ótica destes cronistas estes índios, onde está então a diferença? Por que Gamboa não está naquele primeiro grupo? A resposta é que aqui há um pequeno diferenciador. A idolatria tem um nome e emdereço certos: Incas.

⁹⁴ Markham, Clement *In: Gamboa, Pedro Sarmiento De, Op. Cit. pp. XIII.*

⁹⁵ "The viceroy proposes to do your majesty the most signal service in this matter, besides the performance of all the other duties of which he has charge. This is to give a secure and quiet harbour to your royal conscience against the tempesta raised even by your own natural subjectsm theologians and other literary men, who have expressed serious opinions on the subject, based on incorrect information."(*History of the Incas, Op. Cit. pp.09*)

⁹⁶ O título original é *Historia Indiga*.

⁹⁷ Sobre os panos, Catherine Julien explica: "...One of these incidents in January 1572, when Viceroy Toledo assembled a group of those descendent from Manco Capac to validate a history and a genealogy of the Inca dynastic lineage. The history, painted on three large cloths (approximately 3.5 X 3 m square), portrayed the Incas and coyas from manco Capac and his sister to Huascar, who Toledo claimed was the last legitimate Inca (...) The *paños* have not survived, so we cannot know how the *pañno* depicting Inca genealogy was painted, but ckearly the descendants of Manco understood that they had been subordinated to people who were not "legitimate" in Inca terms..." (*Reading Inca...Op. Cit. p.45*)

Logo no início de sua crônica Sarmiento deixa seu leitor a par dessa divergência sobre a legalidade da conquista. É claro que também esta batalha, bem como todas as outras travadas não no âmbito intelectual mas sim no corporal, têm como elemento instigador e explicador o sagrado, o divino, a fé católica e sua eterna luta contra o grande enganador, o diabo. Vejamos um trecho onde isto tudo fica mais claro:

"... But as the devil saw that this door was shut, which he had begun to open to introduce by it dissensions and disturbances, he tried to make war by means of the very soldiers who resisted him, who were the same preachers. They began to make a difficulty about the right and title which the kings of Castille had over these lands. As your invincible father was very jealous in matters touching his conscience, he ordered this point to be examined, as closely as possible, by very learned doctors who, according to the report which was given out, were indirect and doubtful in their conclusions. They gave it as their opinion that these Incas, who ruled in these kingdoms of Peru, were and are the true and natural lords of that land. This gave a handle to foreigners, as well catholics as heretics and others infidels, for throwing doubt on the right which the kings of Spain claim and have claimed to the Indies. Owing to this the Emperor Don Carlos of glorious memory was on the point of abandoning them, which was the enemy of the faith of Christ wanted, that he might regain the possession of the souls which he had kept in blindness for so many ages." ⁹⁸

O argumento de Sarmiento é ao mesmo tempo duro e desconcertante. Isto porque não há um enfrentamento direto um choque claro, uma afirmação categórica no estilo "vocês que acham que os Incas são os senhores naturais desta terra do Peru estão errados por conta deste e daquele argumentos." A saída de Sarmiento é desconcertante porque ela desclassifica a própria essência do debate, ao dizer que os interlocutores, aqueles que acham que os Incas são os senhores naturais da terra, estão sendo enganados pelo próprio demônio, uma vez que é este, o demônio, o maior beneficiário de um eventual abandono da epopéia da conquista por parte dos espanhóis. Assim, enganados pelo demônio, eles nem

podem estar certos, nem podem ter consciência de seu erro, o que explica a veemência na defesa de suas posições. O que se há de fazer? Talvez o mesmo que Jesus: perdoá-los porque certamente não sabem o que fazem.

A manifestação clara e inequívoca de que o demônio está ao lado dos indígenas, está exatamente na idolatria. Neste momento portanto a idolatria é a prova cabal, é o argumento preciso, é a demonstração única e necessária de que de fato não há razão para protelar ou mesmo estancar o processo de conquista. Muito pelo contrário, este é o motivo que faz com que todos os esforços para atingir esse objetivo da conquista, mesmos aqueles mais cruéis, sejam justificados.

Se por um lado a fé, ou melhor, a falta dela, é usada como o ponto que justifica a conquista, é preciso ainda desconstruir a idéia de índios indefesos e ingênuos que fora construída no imaginário europeu muito por conta dos depoimentos de Bartolomé de Las Casas. Para tanto a tática de Gamboa é a de desqualificar os Incas como senhores naturais da terra, impondo-lhes o rótulo de "usurpadores." Não importará aqui entrar a fundo no debate, mas simplesmente perceber uma característica deste debate que é importante para o nosso estudo. Comparemos agora um pequeno trecho da obra de Las Casas, com um pequeno trecho da obra de Gamboa:

"...en su infelice entrada mató y destruyó algunos pueblos e les robó mucha cantidad de oro. En una isla que está cerca de la mismas provincias, que se llama Pugna, muy poblada e graciosa, e rescibiéndole el señor y gente della como a ángeles del cielo, y después de seis meses habiéndose comido todos sus bastimentos, y de nuevo descubriéndoles los trojes del trigo que tenían para sí e sus mujeres y hijos los tiempos de seca y estériles, y ofreciéndoselas con muchas lágrimas que las gastasen e comiesen a su voluntad, el pago que les dieron a la fin fue que los metieron a espada y alcanzaran mucha cantidad de gentes dellas, y

⁹⁸ *History of the Incas*, Op. Cit. pp. 4-5.

los que pudieron tomar a vida hicieron esclavos con grandes y señaladas crueldades otras que en ellas hicieron, dejando casi despoblada la dicha isla .

De allí vanse a la provincia de Tumbala que es en la Tierra Firme, e matan y destruyen cuantos pudieron. Y porque de sus espantosas y horribles obras huían todas las gentes, decían que se alzaban y que eran rebeldes al rey....

...Pocos días después, viniendo el rey unoversal y emperador de aquellos reinos, que se llamó Atabaliba, con mucha gente desnuda y con sus armas de burla, no sabiendo cómo cortaban las espadas y herían las lanza y como corrían los caballos, e quien eran los españoles (que si los demonios tuvieren oro, los acometerían para se lo robar), llegó al lugar donde estaban, diciendo: " dónde están los españoles? Salgan acá, que no me mudaré de aquí hasta que me sastifagan de mis vassallos que me han muerto, y pueblos que me han despoblado, e riquezas que me han robado." Salieron a él, matáronle infinitas gentes, prendierónle su persona, que venía en unas andas después de preso tractan con él que se rescatase: promete de das cuatro millones de castellanos y da quince, y ellos prométen de soltalle; pero al fin, no guardándole la fe ni verdad (como nunca en las Indias con los Indios por lo españoles se ha guardado), levántanle que por si mandado se juntaba gente, y él responde que en toda la tierra no se movía uma hoja de un árbol sin su voluntad: que si gente se juntase creyesen que él la mandaba juntar, y presto estaba, que lo matasen...."⁹⁹

"...He¹⁰⁰ made inquires touching all that Atahualpa had ordered. He then caused poles to be fixed on both sides of the road, extending not more than a quarter of a league along the way to Xaquixahuana. Next he brought out of the prison all the wives oh Huascar, including those pregnant or lately delivered, He ordered them to be hung to the poles with their children, and he ordered the pregnant to be cut open, and the stillborn to be hung with them. Them he caused the sons of Huascar to be brought out and hung to the poles."¹⁰¹

A semelhança entro o *modo operandis* de espanhóis e Incas é incrível. É possível que Gamboa tenha forçada essa semelhança na narrativa, para incutir ainda mais no leitor a sensação de "eles mereceram" frente às atrocidades narradas por Las Casas. É possível

⁹⁹ LAS CASAS, Bartolomé. *Tratados de Fray Bartolomé de Las casas*, México, F.C.E., 2001, pp. 161-163.

¹⁰⁰ Aqui Gamboa está se referindo a Cusi Yupanqui, um enviado especial que Atahualpa mandou a Cuzco com ordens de eliminar todos os herdeiros de seu irmão, Huáscar.

também que tenha havido um certo exagero tanto da parte de Las Casas, ao comunicar as crueldades dos espanhóis, como da parte de Gamboa, ao falar das atrocidades dos Incas, principalmente de Atahualpa. Como não se pode saber até que ponto trata-se de "verdade" e até que ponto trata-se de verve literária, de entusiasmo apaixonado, seria inócuo para nós este tipo de discussão. Mas o que podemos afirmar deste fato é o verossímil em ambos os casos, ou seja, é certo que houve algum tipo de crueldade de parte dos espanhóis e algum tipo de crueldade por parte dos Incas. Se não o debate travado à época seria não sobre os exageros, e sim sobre o caráter ficcional dos autores. Essa característica que podemos retirar do debate é importante. Porque se é certo que Las Casas foi fundamental para um maior respeito do europeu frente ao indígena, é verdade que Gamboa mostra uma maior acuidade ao separar índios de índios.

O motivo deste cuidado de Gamboa é sabido e já foi dito, identificar em um dos lados (o lado vencedor) o usurpador e portanto legitimar a conquista do império dos Incas. Contudo, apesar dos motivos, é importante reconhecer esse menor grau de ingenuidade ao tratar-se da organização política dos índios. É possível que Gamboa tenha exagerado nas crueldades de Atahualpa. Mas é certo que este mandou matar o irmão e que o Império vivia uma guerra civil à época da conquista. Ou seja, Gamboa nos informa de um Império Inca poderoso, organizado, mas longe de ser pacífico e feliz, longe de ser a árcade romântica pintada em verso e prosa por alguns e que paira sobre nossos imaginários hoje. A pergunta que fica é, de onde então veio esse Império Inca feliz? Como teria surgido essa idéia tão longe do que podemos inferir como sendo o mais verossímil? A resposta está na reação à obra de Gamboa.

¹⁰¹ Inca History..., Op. Cit. pp. 184-185.

A reação.

"El Inca Garcilaso de la Vega, varón insigne, digno de perpetua memoria. Ilustre en sangre. Perito en letras. Valiente en armas. Hijo de Garcilaso de la Vega. De las Casas de los duques de Feria e Infantado y de Elisabeth Palla, hermana de Huayna Capac, último emperador de las Indias. Comentó La Florida. Tradujo a León Hebreo y compuso los Comentarios reales. Vivió en Córdoba con mucha religión. Murió ejemplar: dotó esta capilla. Enterróse en ella. Vinculó sus bienes al sufragio de las ánimas del purgatorio. Son patronos perpetuos los señores deán y Cabildo de esta santa iglesia. Falleció a 22 de abril de MDCXV."

(epitáfio de Garcilaso de La Vega, Capela das Almas, Córdoba)

Capela das Almas, Córdoba. Ali estão os restos mortais de Garcilaso De La Vega. Ali era onde queria que estivessem, pois se sabe que havia comprado seu jazigo já quatro anos antes de sua morte, em 1612. Revela-se aí um pouco da precaução característica do caráter espanhol. Ou seria característica do caráter incaico? Não se sabe. Garcilaso era assim, hora espanhol, hora inca. Engraçado que esteja enterrado na Capela das Almas, porque como ele mesmo nos informou, para os *amautas*, espécie de sábios Incas, a alma não repousava nunca, nem durante o sono, sendo portanto estranho ter uma capela para elas, porque provavelmente lá elas não estão. Aliás era justamente durante o sono que saíam pelo mundo para ver as coisas, e era por isso que os sonhos eram tão importantes para os incas, porque eram os passeios da alma¹⁰². Mas o “espanhol” Garcilaso classificou esses, como tantos outros pensamentos Incas, como *"tonterías."*

¹⁰² *Comentários...*, Op. Cit. p. 87.

Para o “espanhol” Garcilaso a alma passaria por todos os caminhos prescritos e descritos pela Igreja até alcançar o paraíso. Paraíso este que, a julgar por seus relatos, esteve muito perto de existir durante o domínio incaico na região dos Andes. Bem, Garcilaso é realmente ambíguo. Interessa-nos o que foi feito dessa ambigüidade. Temos uma pista, e para ela retornamos à Capela das Almas, onde sobre os restos mortais, junto ao epitáfio, vê-se um escudo, e segundo um autor peruano nessa insígnia “ *..los blasones de viela estirpe castellana se entremezclan eternos con los de la tradicional incásica tawantinsuyana, como la bandera auténtica de la más pura peruanidad...* ”¹⁰³.

Há de se ter muito cuidado ao fazer-se críticas a Garcilaso. Os peruanos, em geral, são especialmente suscetíveis a essas críticas. Garcilaso é tido por muitos como o fundador da nacionalidade peruana, portanto um ataque a ele é quase que um ataque ao caráter peruano, à “peruanidade”. A razão de considerar-se Garcilaso como tal está, não só de ser ele mesmo fruto do encontro entre “espanhóis e incas”¹⁰⁴ mas também de sua obra principal (principal e não única), os *comentários reais dos Incas*, ser também ela considerada como fundamental na constituição da nação peruana.

Garcilaso morreu em Córdoba, Espanha, no ano de 1616, mas nasceu em Cuzco, capital do Império Inca, “*Cabeza de los Reinos del Perú*”, em 12 de abril de 1535. Era filho do conquistador e capitão espanhol Sebastián Garci Lasso de La Vega e da “*ñusst’a*”¹⁰⁵ donã Isabel Chimpu Ojillo, filha de Wallpa Tupaj e sobrinha portanto do penúltimo imperador Inca, Huayna Capac. Huayna era o pai de Atahualpa e Huáscar, os irmãos que brigavam pelo domínio do Império no momento da chegada dos espanhóis. Como

¹⁰³ *Los Cronistas...*, Op. Cit, p. 61.

¹⁰⁴ Garcilaso é filho de nobres tanto de uma parte como de outra. Esta “alta estirpe” é perfeita para o fundador de uma nacionalidade.

Garcilaso é nascido em Cuzco, é certo que ele era parente de Huáscar, sua mãe era prima de Huáscar, sendo portanto membro da parte perdedora da guerra civil, e feroz oponente de Atahualpa. Essas informações são importantes para entender o relato de Garcilaso e, principalmente, para entender o porquê dos adjetivos pouco carinhosos endereçados a seu outro "tio", Atahualpa, concentrados principalmente na parte final do último volume dos Comentários.

Muito já se falou e se discutiu sobre o caráter panegírico e sobre as excessivas mitificações em Comentários Reais. A crítica não é portanto nem original nem nova. Ochoa faz um breve balanço dessas críticas¹⁰⁶, e informa-nos que Manuel González já em 1908, na Revista Histórica de Lima vem fazendo críticas a Garcilaso, inclusive críticas de plágio, já que grande parte da obra de Garcilaso, acredita-se, é baseada em uma obra do padre Blas Vera que se perdeu. Outro autor que faz duras críticas a Garcilaso ainda na primeira metade do século passado é o argentino Roberto Lavillier, em sua obra "Don Francisco de Toledo, Supremo organizador del Perú."¹⁰⁷ Lavillier contudo concentra suas críticas nas excessivas passagens em que o Império Inca é tido como pacífico e em que se ressalta a missão civilizadora do mesmo.

Já chamamos atenção aqui para algumas passagens onde a idolatria, como elemento de união é usada na crônica de Garcilaso. (pp.46-47). Passagens que mostram o aspecto civilizador dos Incas não faltam. Para ilustração, selecionamos uma passagem que está logo no início da obra, no vigésimo primeiro capítulo do primeiro livro. Diz assim:

¹⁰⁵ Este é um título de nobreza incaico, algo como princesa.

¹⁰⁶ Los Cronistas..., Op. Cit. pp.60-61.

¹⁰⁷ Citado por Ochoa, *IBIDEM*.

"El Inca Manco Cápac, yendo poblando sus pueblos juntamente con enseñar a cultivar la tierra a sus vassalos y labrar las casas y sacar acequias - y hacer las demás cosas necesarias para la vida humana - **les iba instruyendo en la urbanidad, compañía y hermandad** que unos a otros se debían hacer conforme a lo que la razón y lei natural les enseñaba, persuadiéndoles con mucha eficacia que, para que entre ellos hubiese perpetua paz y concordia y no naciesen enojos y pasiones, **hiciesen con todos lo que quisieran que todos hicieran con ellos**. Porque no se permitía querer una ley para sí y otra paraq los otros"¹⁰⁸ (grifo meu)

Essa passagem deixa bem claro como para Garcilaso a dominação Inca era um serviço prestado a essas comunidades. Da mesma forma que a conquista espanhola foi em grande parte justificada através da idolatria - e portanto barbárie - dos índios, a conquista Inca, que precedeu a espanhola, é justificada em termos de missão civilizadora. Essa visão está bem exposta na primeira parte em negrito. É interessante notar que o Inca Manco Cápac "os ia instruindo, em urbanidade, companhia e irmandade." O verbo no gerúndio sugere uma ação iniciada no passado, mas ainda não concretizada. Uma ação que se prolonga no tempo. A civilização ia sendo construída através dos Incas.¹⁰⁹

É bem verdade que ainda não estava presente na cultura Inca o sinal maior da civilização, o cristianismo. Contudo, parece que mesmo inconscientemente, os valores Incas se achegavam aos valores cristãos na ótica de Garcilaso. Eram portanto um estágio superior necessário pelo qual deveriam passar todos aqueles povos antes de receber a verdadeira fé, a católica. Diríamos, usando Santo Agostinho, que era quase como que se estes povos estivessem "predestinados" à salvação, e os Incas eram um instrumento para o

¹⁰⁸ *Comentários....*, Op. Cit. pp. 52-53

¹⁰⁹ Interessante notar que a todo momento Garcilaso tem de lidar com a heterogeneidade andina e o desejo de união, naquilo que Cornejo Pollar chamou de "discurso da harmonia impossível" (Pollar, Cornejo. "o discurso da harmonia impossível - o inca Garcilaso de La Vega e: discurso e recepção social" *In O Condor Voa, literatura e cultura latino americanas*, Belo Horizonte, UFMG, 2000, pp. 117-127). A civilização neste contexto, surge como aquilo que pode unir espanhóis e Incas. Por isso a ênfase da civilidade dos Incas, porque em sendo civilizados, Incas e espanhóis acabam por compartilhar de aspirações comuns.

cumprimento desta predestinação. Os Incas de Garcilaso são cristãos, mas ainda não sabem disso. Senão, vejamos o trecho a seguir:

"Particularmente les mandó que se respetasen unos a otros en las mujeres e hijos (porque esto de las mujeres andaba entre ellos más bárbaro que otro vicio alguno). Puso pena de muerte a los adúlteros y a los homicidas y ladrones. Mandoles que no tuvieses más de una mujer y que se casasen destro de su parentela, para que no se confundiesen los linajes...¹¹⁰"

Se compararmos estes trechos com ensinamentos bíblicos, veremos que está tudo aí. No primeiro trecho, a segunda parte em negrito diz "*hiciesen con todos lo que quisieran que todos hicieran con ellos*" é uma espécie de ame ao próximo como a ti mesmo¹¹¹. Quando Garcilaso fala da pena de morte estipulada aos adúlteros, ladrões e homicidas, está falando que os Incas exigiam o cumprimento dos sexto, sétimo e oitavo mandamentos, não matarás, não adulterarás e não furtarás.¹¹²

É claro que sempre se pode argumentar que estes preceitos, antes de bíblicos, são preceitos básicos para a boa organização de qualquer sociedade, não sendo portanto de se estranhar que diferentes sociedades, em diferentes momentos, tenham chegado a regras muito parecidas. Mas a discussão não é saber se essas leis de fato existiam ou não. O fato que deve chamar a nossa atenção é que, segundo o autor, essas regras só passam a existir depois dos Incas. Eles são os responsáveis por tais ordenamentos. Eles são os responsáveis por ensinar o que plantar e como plantar. Eles são enfim, o instrumento da civilização Andina.

¹¹⁰ *Ibidem.*

¹¹¹ Mc. 12:31.

¹¹² Ex. 13-15. Não há aqui uma simetria com o que Szeminski chamou de "pecados andinos tradicionais" (Szeminski, Jan, Op. Cit. p. 172). Estes "pecados" se expressavam pela tríade *Ama Suwa, Ama quilla, ama llulla*, não roube, não seja preguiçoso e não minta. Estes eram erros graves na sociedade incaica porque rompiam ou enfraqueciam os laços de reciprocidade.

Dentro dessa lógica civilizatória, não é de se estranhar também que os outros povos aceitassem de bom grado o domínio incaico. É aqui que se tem, dentro da lógica Garcilasiana, o ponto de partida para compreender como um Império constituído de um povo dominador e outros vários dominados, pôde e pode requerer para si o título de “harmonioso e pacífico.” Mais ainda, é essa lógica que explica uma idéia muito recorrente em Garcilaso, e também muito difícil de se aceitar: a de que no momento das conquistas, muitos povos sequer se davam ao trabalho de guerrear contra os Incas. Estes povos não guerreavam, porque sabiam que junto com os Incas vinha a civilização, vinha uma sociedade melhor e a perspectiva de deixar a *behetría*¹¹³ em nome da civilização!

O interessante é notar que essa idéia de domínio em nome da civilização, tão recorrente na história¹¹⁴, e geralmente associada com as nações ocidentais, fundamentalmente europeias, é usada por Garcilaso para justificar o domínio incaico. Aliás não seria estranho rebatizar o livro de Garcilaso, parafraseando o clássico de Rudyard Kipling, de "*The Inca's burden*." De fato levar a civilização para as outras culturas andinas aparece como o grande fardo do mundo incaico no livro de Garcilaso. E isso não é tudo. Há um grande paralelismo entre a conquista espanhola e a conquista Inca.

¹¹³ O termo Behetría que é recorrente em Garcilaso bem como em outros cronistas, não assume aqui o seu sentido medieval. Na Espanha medieval uma Behetría era uma população que podia escolher receber aos benfeitorias de um senhor. Havia principalmente três tipos de Behetría: a de "mar a mar", que dizia que o senhor escolhido poderia ser qualquer pessoa escolhida pela aldeia ou vila, a de "parentes" onde o senhor eleito tinha, por obrigação, de ter entre os aldeãos algum parente ou a de "linhagem" onde o senhor eleito teria de ter algum parentesco com o dono ou antigo dono das terras vizinhas. (consulta ao site idd009vp.eresmas.net/hissalce.htm#BEHETRIA%20DE%20CASTILLA). Contudo a Behetría que se está a tratar aqui é uma que está mais relacionada à literatura greco-romana do que à Idade Média espanhola. Segundo Carlos Aranibar, " los hombres antiguos que vagaban por los campos como bestias, en Cicerón, la vida ferina de los hombres del tiempo rudo, en Plutarco, los 'savages sin costumbres ni leyes' del estado primero de Italia de que habla el Evandro de Virgilio en la *Eneida VIII*.... En suma, la edad de los hombres salvages, del vivir bestial y grosero..." (Aranibar, Carlos. 'índice analítico y glosario' In: *Comentários Reales*...Op. Cit. pp. 676)

¹¹⁴ Patterson (Patterson, Thomas C. *Inventing Western Civilization*, Nova Iorque, Monthly Review Press, 1997), faz uma pertinente análise do próprio conceito de civilizações na história ocidental, e de como esse conceito foi usado, em diferentes momentos da história com diferentes propósitos.

Há uma certa semelhança entre os motivos de um e os motivos de outro, se analisarmos bem os argumentos contidos em Garcilaso e em Sarmiento por exemplo. Pode parecer estranho, mas o livro de Garcilaso, que surge como uma resposta a Gamboa, é muitas vezes, muito parecido com este. Há ainda exemplos onde a descrição de um povo fornecida por um é bem diferente da descrição fornecida por outro. Vejamos por exemplo como Gamboa descreve os habitantes da província de Xauxa, ou Sausa¹¹⁵

"So widely has the news spread on the benefits he (Toledo) has conferred and is still conferring, that the wild war like Indians in many contiguous provinces, holding themselves to be secure under his word and safe conduct, have come to see and communicate with him, and have promised obedience spontaneously to your Majesty. This has happened in the Andes of Xauxa, near Pilcocanti, and among the Mânaries and Chuchos to the east of Cuzco."¹¹⁶

Compara-se agora com este relato de Garcilaso:

" fueron hasta llegar a Uillca, que era lo último que por aquella banda tenían conquistado. De allí envió al hermano a la conquista, bien proveído de todo lo necessario para la guerra, el cual entró por la provincia llamada Sausa (que los espa~molescorrompiendo dos letras llaman Xauxa), hermosísima provincia que tenía más de 30 mil vecinos, todos debajos de un nombre y de una misma geración y apellido, que es Huanca.

Précianse descender de un hombre y de una mujer que dicen que salieron de una fonte. Fueron belicosos. A los que prendían en las guerras desollaban. Unos pellejos henchían de ceniza y los ponían en un templo por trofeo de sus hazañas y otros pellejos ponían en sus tambores, diciendo que sus enemigos se acorbadaran viendo que eran de los suyos y huían en oyéndoles."¹¹⁷

Enquanto os "Xauxanos" de Gamboa foram convencidos a aceitar a civilização de bom grado, os descritos por Garcilaso são belicosos ao ponto de retirar a pele dos inimigos para

¹¹⁵ A grafia Xauxa é encontrada em Gamboa, mas Garcilaso afirma que essa é uma grafia errada, e que a mais correta seria Sausa. O mais importante contudo é saber que Xauxa/Sausa era um dos três subgrupos étnicos dos Huancas.

deles fazer tambores, que tinham também o objetivo de amedrontar outros possíveis inimigos. Contudo há uma característica que é comum aos Xauxas de Gamboa e aos Sausas de Garcilaso: trata-se de um povo de civilização inferior. Bárbaros. No entanto talvez mais interessante ainda seja comparar as semelhanças entre Gamboa e Garcilaso. Compare o primeiro texto de Gamboa, citado na página 65 a este texto de Garcilaso, onde ele descreve a passividade com que os índios da província de Chucuitu foram reduzidos:

" Los indios fueron fáciles de reducir porque eran behetrías y gente suelta, sin orden, ley ni policia. Vivían a semejanza de bestias, gobernaban los que más podían con tiranía y soberbia. Y por estas causas fueron fáciles de sujetar. Y los más de ellos, como gente simple, vinieron de suyo a la fama de las maravillas que se contaban de los Incas hijos del sol. Tardaron en esta reduccióm casi tres años, porque se gastaba más tiempo em doctrinarlos, según eran brutos, que en sujertalos"¹¹⁶

Ao comparar-se ambos os textos percebe-se uma estranha simetria entre obras com interesses tão díspares. Ou talvez não seriam tão díspares assim o interesse de ambas as obras? Ora, para justificar o domínio espanhol Gamboa desqualificou o Império Inca, vai ressaltar o aspecto "idólatra" dos índios andinos e depois vai mostrar como a civilização pode se impor quase que naturalmente. É claro que a civilização atende por um nome, Espanha.

A tarefa de Garcilaso talvez seja um pouco mais trabalhosa, mas contudo é na essência a mesma de Gamboa. Ele precisou mostrar como a civilização, que no seu caso atendia por nome de Império Inca, também se impôs de maneira quase natural nos Andes. Qualificamos a tarefa de Garcilaso como mais complicada do que a de Gamboa porque ele, ao contrário do espanhol, tem ainda de justificar a idolatria incaica. Essa idolatria é

¹¹⁶ Inca History, Op. Cit. p. 08.

¹¹⁷ Comentarios Reales... Op. Cit. p.349.

justificada dentro de uma visão de história de base Agostiniana, onde há uma "Primeira Idade" da Natureza, ou uma "lei natural" de evolução das sociedades. Neste contexto o domínio incaico era uma etapa, é verdade que os Incas não haviam ainda alcançado a luz do pensamento cristão, mas é certo que estão muito mais perto deste do que estavam os povos a eles subjugados antes do domínio. E o texto de Garcilaso é repleto de comparações e demonstrações de como a religião incaica estava cheia de referências ao cristianismo, ainda que estes não soubessem. Como se a religião cristã existisse *avant la lettre* no "no mundo dos Incas. Aliás essa ambigüidade ou referência não é nenhuma novidade, acompanha a história do cristianismo desde a conversão de Constantino.

Vê-se então que, embora mudem os sujeitos, o verbo é o mesmo, a ação consiste em justificar o domínio através da civilização. Não importa se espanhol ou Inca, a ação parece-nos nociva em qualquer situação, especialmente para os "agentes passivos" aqueles que sofrem o domínio. Estranho perceber contudo que a tese de Garcilaso é recebida com uma certa simpatia. Essa idéia de aceitação pacífica da civilização é o que permite que tenhamos hoje resultados como o da pesquisa citada no primeiro capítulo, onde uma maioria de alunos peruanos tem a noção de um Império Inca harmonioso e pacífico. A *pax incaica* começa com Garcilaso como uma reação às infâmias ditas por Gamboa contra os Incas em sua obra. O problema que se coloca agora é como os que virão depois de Garcilaso vão ler essa questão? Nasce o outro elemento de unidade

¹¹⁸ Comentarios Reales... Op. Cit. p. 116.

A UNIFICAÇÃO SOBRE OUTRO TEMA

"Ah Pizarro , Pizarro,
como és tão abjeto traidor!
Coração nascido à pilhagem!
Por que foste cortar a este Inca a cabeça?
Acaso tu não viste
Que em seu país governava
A seus inumeráveis súditos
Em meio à dita e à alegria
E à mais sólida concórdia,
Com sua palavra sempre afável?
Tu não escutaste acaso,
Seu acento sempre repousado?
Era como uma canção de alegria...."
(LARA, tragédia del fin de Atahualpa)

Dentre os vários trabalhos clássicos sobre o mundo Andino pré-colombiano, talvez o mais conhecido e reconhecido seja o de Prescott *History of the conquest of Peru*¹¹⁹ trabalho de 1847. Como nos alerta Murra, é notável como o livro de Prescott continua sendo atual, apesar de isso se dever mais ao pouco estudo desenvolvido em relação ao mundo Andino pré- colombiano do que a compreensão do autor em relação ao tema.¹²⁰

Prescott desenvolveu especial interesse pela história espanhola, e com o objetivo de identificar o processo que fez da Espanha uma potência mundial, começou a estudar cópias de documentos que lhes eram mandados da Espanha. A leitura era quase impossível para ele depois que ficou cego por conta de um incidente com uma "casquinha de pão." Para a leitura dos documentos e redação do que ditava, Prescott se valia de secretárias.

¹¹⁹ Prescott, W. H. *History of the conquest of Peru*, Nova Iorque, . The modern library, 1996.

¹²⁰ Murra ,John, " As sociedades andinas anteriores a 1532" in *História da América Latina vol. I*, São Paulo, Edusp, 1997.

Prescott escreveu várias obras sobre Espanha, Peru e México. Além de *History of the conquest o Peru*, ele havia escrito, dez anos antes, *The history of the reign of Ferdinand and Isabella the catholic* e em 1843 a obra que seus biógrafos consideram como sua obra prima, *Conquest of Mexico*. William Prescott morreu de derrame em Boston, no dia 29 de janeiro de 1859, sem nunca ter conhecido Peru, México ou Espanha.

History of the conquest of Peru está dividido em cinco livros. O primeiro é "uma visão da civilização dos Incas", o segundo é "a descoberta do Peru" o terceiro é "A conquista do Peru" o quarto " a guerra civil dos conquistadores" e o último "nascimento de uma nação".

O parágrafo inicial de Prescott bem poderia ter sido escrito por Garcilaso. O norte americano falou das duas mais "refinadas" nações da América e disse como essas nações se sobressaíram do estado de "barbárie" que caracterizava a América:

"Of the numerous nations which occupied the great American continent at the time of its discovery by the europeans, the two most advanced in power and refinement were undoubtely those of Mexico and Peru. But, though resembling one another in extent of civilization, they differed widely as to the nature of it; and the philosophical student of his species may feel a natural curiosity to trace the different eteps by which these two nations strove to emerge from the state of Barbarism, and place themselves on a higher point in the scale of humanity"¹²¹

Nota-se também aqui portanto uma "escala" para a humanidade e Incas e Astecas estariam em um patamar maior desta escala se comparados com os outros povos por eles dominados. Não é preciso relembrar que essa escala é mesurada pelos padrões ocidentais cristãos de sociedade. Prescott quase chega a perceber a influência de outras civilizações

andinas, anteriores à Inca para a sociedade incaica, mas no século XIX a interdisciplinaridade era coisa inexistente, e porque seus questionamentos o levariam a campos "longe do domínio da história" ele os deixa de lado:

" We may reasonably conclude that there existed in the country a race advanced in civilization before the time of the Incas; and, in conformity with nearly every tradition, we may derive this race from the neighborhood of the Lake Titicaca; a conclusion strongly confirmed by the imposing architectural remains which still endure, after the lapse of so many years, on it's borders. Who this race were, and whence they came, may afford a tempting theme for inquiry to the speculative antiquarian. But it is a land of darkness that lies far beyond the domain of history"¹²²

Mas talvez nenhuma outra passagem do livro de Prescott reflita tão bem os ecos de Garcilaso de La Vega quanto o trecho a seguir:

" At first, the progress of the Peruvians seems to have been slow, and almost imperceptible. By their wise and temperate policy, they gradually won over the neighboring tribes to their dominion, as these latter became more and more convinced of the benefits of a just and well-regulated government"¹²³ "

É bem verdade que na continuação deste parágrafo Prescott vai falar que com o fortalecimento dos Incas, a espada passou um grande acessório nas conquistas, contudo vemos aqui argumentos muitos usados por Garcilaso como a vitória através do convencimento de que era melhor ter-se um "bom" governo. Mas é claro que Prescott tem suas críticas a fazer ao "*peruvian way of government*,"¹²⁴ e sendo ele norte americano essa

¹²¹ Prescott, W. H. Op. Cit. p. 03

¹²² Ibidem, pp.21.

¹²³ Ibidem, pp.22.

¹²⁴ Utilizei aqui a expressão "*peruvian way of life*" mas o termo "*peruvian*" não é meu, é recorrente no trabalho de Prescott. Este termo nos fala um pouco da temática que está nascendo no século XIX, o nacionalismo, no caso específico, a nacionalidade peruana.

crítica não poderia fundar-se em outro lugar se não na falta de liberdade existente no Império Incaico. No trecho abaixo Prescott fala da prosperidade e da fartura do Império Incaico, mas para ele essa prosperidade e fartura estão comprometidas porque não há espaço para a vontade individual, e diz " onde não há tentação, não há virtude":

" The most enlightened of the Spaniards who first visited Peru, struck with the general appearance of plenty and prosperity, and with the astonishing order with which every thing throughout the country was regulated, are loud in their expressions of admiration. No better government, in their opinion, could have been devised for the people. Contented with their condition, and free from vice, to borrow the language of an eminent authority of that early day, the mild and docile character of the Peruvians would have well fitted them to receive the teachings of Christianity, had the love of conversion, instead of gold, animated the breasts of the conquerors... Yet such results are scarcely reconcilable with the theory of the government I have attempted to analyze. Where there is no free agency, there can be little claim to virtue. Where the routine is rigorously prescribed by law, the law, not the man, must have credit of the conduct¹²⁵ "

A obra de Prescott sedimenta a idéia de civilização inca, fala de "*peruvians*" e vai assim, sob o termo Inca, unificando a região. Quando o não Inca é lembrado, o é somente como um arremedo de gente, é lembrado como o bárbaro que deixou-se dominar como o cão que se deixa domesticar para assim usufruir das benesses da proteção de um dono. O eixo mudou, não se fala mais em idólatras, a questão agora é a civilização, e se houve qualquer coisa próximo de ser uma civilização nos Andes, foi o Império Inca.

O trabalho de Prescott vai assim nos dando uma visão de Império Inca um tanto quanto romantizada, e sem nunca ter conhecido o Peru, lendo as crônicas de Garcilaso bem

¹²⁵ Ibidem, p. 127. É interessante notar como neste parágrafo Prescott faz uma crítica à liberdade no Império Inca, crítica esta um tanto quanto anacrônica se pensarmos que é difícil imaginar a liberdade, no sentido que Prescott dá à palavra, em pleno século XVI. Fico imaginando em que parte do globo havia a "free agency" que Prescott tanto estima em pleno século XVI.

como de outros cronistas, Prescott vai tentando construir uma imagem do “grandioso” império inca. Pena que nessas visões de Prescott, não houvesse muito lugar para a diversidade e o multiculturalismo andino.

Mas como será que, já no século XX, os historiadores viram este Império Inca? Será que finalmente começou-se a perceber as grandes diferenças culturais do fragmentado universo Andino? Mais ainda, como será que essa questão se articulou dentro das "esquerdas" e das "direitas" latino americanas?

Um trabalho importante, é o livro *The Conquest Of The Incas* de John Hemming editado pela primeira vez em 1970¹²⁶. O trabalho de Hemming é sintomático de uma época em que os historiadores tentaram produzir uma "História dos Vencidos." Nas palavras do próprio Hemming em seu prefácio, sua intenção foi "restaurar a honra dos Incas" ao mostrar que estes sucumbiram sim, mas não tão facilmente como nos ensinaram os cronistas¹²⁷.

Outros trabalhos que seguiram nesta linha, de retratar a conquista através dos relatos dos vencidos foram os trabalhos de Wachtel, originalmente *La vision des vaincus* de 1971¹²⁸ e do trabalho de León-Portilla *A Conquista da América Latina vista pelos Índios*.¹²⁹

Estes estudos fazem avanços importantíssimos no que diz respeito à história do "mundo Inca." Hemming dedica especial atenção às rebeliões indígenas, tarefa até então inusitada, Wachtel busca elementos outros para tentar compreender este mundo, não se prendendo somente aos relatos dos cronistas, e León-Portilla recupera preciosos relatos indígenas como o de Titu Cusi Yupanqui, filho de Manco II e que chegou a ocupar o trono

¹²⁶ Hemming, John. *The Conquest of The Incas*, Nova Iorque, Arcourt Brace Jovanovich, 1970.

¹²⁷ Hemming, John, OP. Cit. pp. 17

Inca. Porém, mesmo estas análises, carregam a generalização que marcou o estudo do mundo Andino pré-conquista. Vejamos como exemplo este trecho de *La Vision des Vaincus*:

" Le Pérou illustre des faits analogues : le défaite y est ressentie comme une catastrophe d'ampleur également cosmique. Mais avec une coloration particulière: le choc ici coïncide avec la morte du fils du Soleil, l'Inca. Or celui-ci assure la médiation entre les dieux et les hommes, et il est lui-même adoré comme un dieu: il représente en quelque sorte le centre charnel de l'univers, dot il garantit là harmonie. Ce centre assassiné, c'est le point de repère vivant de l'univers qui disparaît , c'est son ordre Qui, brutalement se trouve brisé."¹³⁰

A visão da derrota como o próprio fim do mundo, é também recorrente nos relatos reunidos por León-Portilla. Porém, apesar de aceitarmos esta visão seja verdadeira para o povo do vale do sol, principalmente para a realeza Inca, é difícil imaginar tribos historicamente inimigas dos Incas, e que se alinharam aos espanhóis contra o Império Inca durante a invasão compartilhando do sentimento acima descrito por Wachtel. Chancas e Cañaris, por exemplo, não tinham os mesmos sentimentos de devoção ao Inca que outras tribos mais próximas do poder de Cuzco. Pelo contrário, esta descrição parece ocultar o fato dos milhares de índios que auxiliaram Pizarro e que colaboraram para a derrota.¹³¹

¹²⁸ Wachtel, Nathan, *La Vision des Vaincus* Paris, Gallimard, 1971.

¹²⁹ Portilla-Léon, Miguel, *A Conquista da América latina vista pelos Índios*, , Petrópolis, ED. Vozes, 1985.

¹³⁰ Wachtel, Nathan, Op. Cit. P. 60.

¹³¹ O mais curioso é que, na sua brilhante obra: *Le Retour des Ancêtres* (Paris, Gallimard, 1990), Wachtel constrói um quadro distinto. Ao analisar uma história regressiva dos índios Urus da Bolívia, mostra como eles foram insultados e maltratados pelos seus vizinhos (Aymarás, Incas etc.) desde o século XVI. Ao pesquisar este grupo do altiplano, o autor evidencia a enorme diversidade étnica e lingüística que não aprecia tão clara na Visão dos Vencidos. Numa região limitada como o território de Chipaya, ele afirma que é difícil estabelecer uma identidade clara (op. cit. p. 281). A conclusão indireta da obra é que, para os Urus, tantos os espanhóis como os Aymarás são vencedores, inimigos, lembrança dolorosa de domínio.

Galindo¹³² nos fala da popularidade da obra do francês Louis Baudin, *El Imperio Socialistas de los Incas*, e de como a esquerda peruana usa a obra de um enfoque diferente do próprio autor, que era um grande conservador e que escreveu o livro para mostrar como o socialismo era "tirânico". O mesmo autor nos diz que, por mais que livros e manuais possam dizer o contrário, os professores e alunos peruanos têm uma idéia do Império Inca como sendo um lugar onde havia equidade e justiça.

A verdade é que como nos alerta Octavio Paz, "contemple-se a Conquista da perspectiva indígena ou da espanhola, este acontecimento é expressão de uma vontade unitária."¹³³ Apesar de estar se referindo ao exemplo mexicano, pensamos que as palavras de Paz são verdadeiras também para o caso Andino. A antiga profusão cultural é esquecida, em nome de uma unidade ora promovida pela conquista espanhola, ora pela dominação Inca. Na realidade duas faces de uma mesma moeda. Na tentativa de resgatar uma história indígena, e propor o termo vencidos, para todos os povos andinos pré-colombianos estamos na verdade impondo a uma grande parte deles uma segunda derrota, sepultando sua história, negando-lhes a existência, forçando uma integração que nem mesmo os Incas conseguiram em seu tempo. Tem de se levar em consideração que nem todos os vencidos são iguais. Uns foram mais vencidos do que outros.

É claro que com o passar do tempo os espanhóis se tornaram um opressor ainda pior do que os próprios Incas, e fatalmente isso contribui para uma construção de sentimento único de derrota. Porém é difícil imaginar alguns destes povos sentindo-se derrotados naquele sábado 26 de Julho de 1533, quando enfim, em Cajamarca, o grande Atahualpa foi garroteado pelos espanhóis. É interessante também notar um sentimento comum de passado

¹³² Galindo, Alberto Flores. Op. Cit. p. 20

¹³³ Paz, Octavio. *O Labirinto da Solidão e Post Sciptum*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

Inca em oposição a uma dominação espanhola fora dos trabalhos acadêmicos, que como dissemos no início, foi a constatação que primeiro nos motivou a fazer esta pesquisa. "Os Incas" se tornou um termo onde as várias etnias Andinas se apoiaram para poder reivindicar uma "nacionalidade" comum. Em estudo publicado na *Latin American Research Review*¹³⁴ Nagengast e Kearney nos chamam a atenção para o fato de que nos processos de formação de Estado, diferentes grupos são "fundidos" em uma única e harmoniosa unidade. Isso talvez explique em alguma medida a unificação em torno do termo Inca, principalmente no caso peruano. É interessante também notar que quando se faz literatura de contestação política nos Andes, a partir do século XIX, usa-se o quíchua¹³⁵, língua do povo do vale sagrado de Cuzco, mas que não era a única língua do Império, e não a mais importante, já que dividia este posto com a língua Ayamara. Há de se lembrar ainda que o quíchua, em um outro momento, foi a língua do dominador.

Durante o golpe nacionalista de 68 a mitificação Inca talvez tenha alcançado seu auge. O Inkarrí, uma lenda que dizia que o último Inca morto, Tupac Amaru retornaria e governaria o Peru, se tornou um símbolo nacional. De fato alguns peruanos acreditaram que estavam vivendo este período. As alusões a Tupac Amaru eram constantes, o plano "Inca" foi colocado em prática, enfim, houve toda uma onda de "revival" do antigo Império, claro, de maneira a se encaixar na idéia nacionalista.

A palavra Inca, com idéia de um único povo, uma grande civilização homogênea que dominou os Andes antes dos espanhóis, é tão problemática como a palavra idólatra, por

¹³⁴ Nagengast e Kerney. "Mixtec Ethnicity: Social Identity, Political Consciousness and Political Activism", in *Latin American Research Review*, Vol. XXV, Número II, 1990, pp 61 a 89.

¹³⁵ Yu. A. Zubritski tem um interessante ensaio a este respeito intitulado "Motivos Políticos En La Poesia Quechua" onde analisa principalmente a poesia de Juan Huaparimachi Mayta, publicado na *Latin American Research Review* Vol. XII, Número II, 1977. pp. 161 a 170. Vale a pena também dizer que quechua não é a terminação própria dada pelos Incas a sua língua, que é conhecida em quechua como *runasimi*, literalmente "língua do povo." A terminação quíchua foi criada posteriormente por Domingo de Santo Tomás.

razões já enunciadas aqui. Que o povo do vale sagrado, governado pelos Incas, impôs um domínio notável a toda região, a partir de uma administração competente e de um exército arrasador, não há dúvidas. Mas a profusão cultural da região também não pode ser escondida, o fato de que este Império era constituído por inúmeros povos que estavam submetidos, em grande parte, à força, não pode ser ignorado.

Há um silêncio na história Andina pré-colombiana relativo à multiplicidade de culturas e povos desta região, povos que além de dominados pelos Incas, tiveram sua história reduzida à própria história Inca.

Primeiro foram todos considerados idólatras, e uma oposição binária foi logo constituída, os idólatras e os cristãos. Oposição esta fruto de um distanciamento e desconhecimento do Espanhol com relação ao novo mundo que encontrava.

Depois o termo foi Inca. Todo o período Andino anterior a chegada dos Espanhóis é conhecido como o Império dos Incas. No entanto há uma sutileza neste termo, o fato de não levarmos em consideração o próprio significado do termo Império. No nosso imaginário ele passa a assumir um significado apenas de grandiosidade, como se o Império dos Incas fosse somente um grande povo que um dia existiu na América, e que foi dominado por espanhóis.

Cria-se então em torno do termo Inca um significado de passividade, de grandiosidade não beligerante, de uma nação que, muito avançada culturalmente, mas pouco preocupada com as coisas da guerra, foi invadida e dominada por um bando de bárbaros, ávidos por ouro e terras.

CONCLUSÃO

Nos cronistas o discurso de unidade foi sendo produzido em torno do termo *idólatra*, sendo este o elemento que tornam iguais todos os povos dos Andes. Já na historiografia pós-garcilaso o termo cunhado que pretende dar conta de toda a região é *Inca*. Reduz-se assim as histórias de todos os outros povos à lembrança de um, o dominador, e assim impomos a estes povos uma segunda derrota e silenciemos suas histórias. A análise deste discurso de unidade pode nos ajudar a resgatar a diversidade existente, como também pode nos mostrar que neste caso temos pensado a história do nosso continente de muito longe. De tal perspectiva as diferenças são sempre mitigadas e a diversidade, característica outrora marcante, é banida da memória histórica.

Os historiadores têm em parte, “culpa” neste processo. Isto porque até pouco tempo atrás, (e podemos dizer até hoje) nós não prestamos atenção aos trabalhos antropológicos e de “etnohistoriadores” no que concerne a este tema. Eles muito antes de nós, conseguiram enxergar melhor esta diversidade, muito embora mesmo em trabalhos competentes de etnohistoriadores renomados como Wachtel¹³⁶ generalizações como “vencidos” às vezes escapem.

A maior atuação dos antropólogos neste campo não é um acaso. Na verdade por muito tempo aceitou-se a idéia de que a história servia aos europeus e a antropologia aos outros, os não europeus, os diferentes. O Novo Mundo aceitou isso passivamente por algum tempo, e nossas histórias começam sempre com as colônias, aos historiadores cabia estudar

¹³⁶ WACHTEL, Op.cit.

a América a partir da chegada do europeu, porque com ele chegou o tempo histórico. O que antes havia, bem, isto é coisa para antropólogos.

Encobrir diferenças, mitificar o Império Inca como um real exemplo de "socialismo" ou de alguma espécie de mundo perfeito na América, em um dado momento, pode ter sido politicamente interessante para alguns grupos. Por isso, entender um pouco como se fez essa reconstrução histórica dos Incas em outras fontes pareceu-nos interessante. Podemos fazer isso levantando uma questão: O que poderia unir alunos do ensino fundamental de colégios de Lima, terroristas do Sendero Luminoso e do grupo Tupac Amaru e o presidente peruano Alejandro Toledo? Visões diferentes do Peru de hoje, mas uma mesma visão mítica do Peru de ontem, os Incas.

Em uma pesquisa já citada entre os alunos da capital peruana foram dadas cinco possíveis características do Império Inca, para que as crianças respondessem quais elas achavam que mais diziam respeito ao antigo Império. As características eram, justo, feliz, infeliz, tirânico e harmônico. 68% das crianças votaram nas características positivas. Certamente este número teria sido ainda maior caso tal pesquisa tivesse sido feita em colégios das zonas rurais.

Os grupos guerrilheiros sempre fizeram alusão em seus panfletos a exploração dos europeus na América, exploração esta que começou com o esfacelamento do Império Inca¹³⁷. A exploração na região é portanto um elemento exógeno para grande parte da esquerda peruana, vem da Europa. A idéia de se ter "índios" explorando "índios" é, no mínimo, reacionária. No caso do grupo Tupac Amaru a alusão extrapola os panfletos e está

¹³⁷ Há no fim deste trabalho na seção 'apêndices e documentos' uma carta do grupo guerrilheiro Tupac Amaru onde se pode observar bem está idéia de tempos justos associada ao período Incaico. No caso o autor, ao defender a idéia de que o mercado pode ser um fator de integração nacional – desde que haja um mercado interno vigoroso – remete-se ao Incas para memoarar tempos onde havia essa junção de mercado interno organizado junto à uma integração nacional.

no próprio nome escolhido pelo grupo, Tupac Amaru, conhecido como o último Inca de Vilacamba, degolado pelos Espanhóis assim como Atahualpa, mas desta vez não as escondidas, mas em praça pública

Alejandro Toledo apelidado de " Cholo", um termo pejorativo para designar um índio ou descendente, teve exatamente em seu passado indígena uma de suas armas mais fortes para criar uma empatia com os campesinos. O candidato fazia questão de frisar seu passado indígena, porém não se trata aqui de qualquer passado indígena, é o passado Inca.¹³⁸

Percebemos por estes três exemplos que um “grandioso passado indígena”, de um Império grande e “justo”, existe na memória histórica dos peruanos. Um Império que, por ter como uma de suas características marcantes a “passividade”, foi dominado com facilidade por uma centena de espanhóis ávidos por ouro¹³⁹. Há um problema nisso tudo, e o problema reside no fato de a história não ter sido bem assim. Para avançarmos nesta tarefa de desconstruir o mito que, como lembra Hobsbawm, há muito vem sendo parte das tarefas de um historiador¹⁴⁰, estamos tentando entender como ele se formou historicamente.

A partir da chegada do vice rei Toledo, os cronistas tiveram um objetivo muito claro em suas obras, justificar a conquista. Para tanto, precisavam mostrar que a "monarquia" instaurada pelos Incas era ilegítima, e crônicas como *História Inca* de Sarmiento de Gamboa, mostravam o caráter bárbaro e idólatra destes governantes, que teriam usurpado à força os direitos de outros monarcas mais antigos, o que fornecia à conquista espanhola um caráter de "restauração".

¹³⁸ Em texto de 09 de abril de 2000 o jornal Folha de São Paulo publicou artigo no caderno "mundo" intitulado "Opositor Alejandro Toledo posa de herdeiro do Império Inca."

¹³⁹ Como já nos referimos na nota número 02 deste trabalho, não se pode falar que o Império Inca foi dominado com facilidade.

¹⁴⁰ Hobsbawm, Eric. "Identity history is not enough" in: *On History*, Nova Iorque , New Press, 1997.

Contra esta tendência, que posteriormente foi chamada de "*leyenda negra de la conquista*" surgiu o nome que junto com Gumán Poman de Ayala talvez seja o mais conhecido entre os cronistas, Garcilaso de La Vega. Em sua obra *Comentarios Reales de los Incas* este mestiço, filho de um capitão espanhol com "uma princesa Inca," diz que o Império Inca veio na verdade instaurar a "civilização" onde antes só havia idolatria e barbárie. Os Incas tiveram o trabalho de "preparar" os andinos para a chegada dos espanhóis.

Pensamos que o trabalho de Garcilaso foi, em grande parte, responsável pela visão do Império Inca que temos hoje, e o ponto de transição entre os Andes dos idólatras e os Andes dos Incas. A repercussão internacional do livro foi muito grande nos séculos XVII e XVIII com traduções para o francês o inglês e o alemão. A obra de Garcilaso nos fornece a idéia de um povo que, através quase sempre de meios pacíficos, impôs sua superioridade intelectual à barbárie existente nos Andes, construindo um grande Império justo e feliz, como pensam o alunos limenhos. Esta idéia de unidade, no seu sentido atual, modou-se a partir dos estudos sobre os Andes produzidos a partir do século XIX.

Não importa como façamos o uso do termo generalizador, não importa se unificamos através da idéia de idólatras para denegrir ou da idéia de Incas para glorificar, esta idéia de unidade é falsa, e evidenciar este discurso se faz necessário para que se rompa o silêncio relativo a história destes povos que o termo Inca engloba, e para que se resgate a multiplicidade e a profusão cultural que existem na região.

BIBLIOGRAFIA

Fontes.

ACOSTA, Jose

Historia Natural y Moral de las Indias, Mexico, Fondo Cultural, 1979.

CIEZA DE LEÓN, Pedro

Obras Completas, Org. Carmelo Saenz de Santa Maria, Madrid, CSIC, 1984.

COBO, Bernabe

History of the Inca Empire, Austin, University of Texas Press, 1998.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca

Comentarios Reales de Los Incas, Lima, Fondo de Cultura Económica, 1991.

GUAMAN POMA DE AYALA, Filipe

El Primer Nueva Corónica y buen Gobierno, Siglo Veintiuno, México, 1980.

LAS CASAS, Bartolomé,

O Paraíso Destruido: a sangrenta história da conquista da América, Porto Alegre, LP&M, 2001.

_____ *História de Las Índias*, México, FCE, 1995.

MOLINA, Cristóbal,

Ritos y Fábulas de los Incas, Buenos Aires Editorial Futuro S.R.L., 1947.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro

History of the Incas, Mineola, Dover Publications, 1999

ZARATE, Agustín de

The Discovery and Conquest of Peru, Harmondsworth, Penguin Books, 1968. Trad. J.M. Cohen.

Bibliografia

ABERCOMBRIE, Thomas

Pathways of memory and power ethnography and history among Andean people, Madison, The university of wisconsin press, 1998.

BERNARD, Carmen

"El mundo Andino: Unidad y particularismos" In: BERNARD, CARMEN, *Descubrimiento conquista y colonización de América*, Mexico, Fondo Cultural, 1994.

BERNARD, Carmen e GRUZINSKI, Serge

História do Novo Mundo, São Paulo, Edusp, 1997.

_____*De la idolatría - una arqueología de las ciencias religiosas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1988.

BETHELL, Leslie

"Notas sobre as populações Americanas às vésperas da conquista espanhola" In: LESLIE BETHELL, *História da América Latina*, Vol. I, São Paulo, Edusp, 1997.

BOUDIN, Louis

El Imperio Socialista de los Incas, Santiago, Zig-Zag, 1953.

BOUYSSÉ-Casagne, Thérèse

"Aymara concepts of space" In: MURRA, JOHN V., WACHTEL, NATHAN, and REVEL, JAQUES, *Anthropologic History of Andean polities*, New York, Cambridge University Press, 1986.

BROTHERSTON, Gordon

"Fuentes indígenas en language verbal y visual" In: PIZARRO, ANA, *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*, Campinas, Editora Unicamp, 1993.

_____*Book of the fourth world: reading the natives americas through their literature*, Cambridge, Canbridge Press, 1992.

CARRASCO, Pedro

"The Political Economy of The Aztec And Inca States" In *The Inca and Aztec States 1400-1800*, Academic Press, Nova Iorque, 1982

CORNEJO Pollar, Antonio

O Condor Voa, literatura e cultura latino americanas, Belo Horizonte, UFMG, 2000.

DOBYNS e Doughty

Peru a cultural history, New York, Oxford University press, 1976.

DUVIOLS, Pierre

La destruccion de las religiones Andinas, Mexico, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1977.

FAVRE, Henri

A civilização Inca, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

FLORESCANO, Enrique

El Mito de Quetzalcóatl, México, Fondo de Cultura, 1999.

FOUCAUL, Michel

A Arqueologia do Saber, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.

_____ *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1987.

_____ *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____ *As Palavras e as Coisas*, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

_____ *A microfísica do poder*, Graal, Rio de Janeiro, 2000.

GALINDO, Alberto Flores

Buscando un Inca: identidad y utopia en los Andes, Lima, Instituto de Apoyo Agrário, 1987.

HAGEN, Victor W. Von

Culturas Preincaicas, Madrid, Guadarrama, 1976.

HARTOG, F.

O Espelho de Heródoto, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999.

HEMMING, John

The Conquest of The Incas, Arcourt Brace Jovanovich, Nova Iorque 1970

HOBBSAWM, Eric

On History, Nova Iorque, The New Press, 1997.

JAGUARIBE, Domingos,

O Império dos Incas, São Paulo, O Pensamento, 1938.

JULIEN, Catherine

Reading Inca History, Iowa, UIP, 2000.

_____ "How Inca decimal administration worked" In: *ethnohistory*, 35:3, 1988.

LAMANA, Gonzalo

"Identidad y pertinencia de la nobleza cusqueña en el mundo colonial temprano" In: *Revista Andina*, N° 1, 1996.

LANNING, Edward P.

Peru before the Incas, Englewood cliffs, Prentice-Hall, 1967.

LE GOFF, Jacques

História e Memória, Campinas, ed. Unicamp, 1996.

MÉTRAUX, Alfred

Les Incas, Éditions du Seuil, Paris 1983

MURRA, JohnV.

" El 'control Vertical' de un máximo de pisos ecológicos en la economía de las sociedades andinas" In: ORTIZ DE ZUNIGA [1562] 1972.

_____ *Formaciones económicas y políticas del mundo Andino*, Lima, IEP, 1975.

_____ "La Guerre et les rébellions dans l'expansion de l'état Inka" , In: **AESC**,33(5-6):927-935, 1978.

_____ "Los límites y limitaciones del archipiélago vertical en los andes." In: *Avances* 1:75-80, La Paz, 1978.

_____ "As sociedades andinas anteriores a 1532" In: LESLIE BETHEL, *História da América Latina*, Vol. I, São Paulo, Edusp, pp. 61 - 98, 1997.

MURRA Jonh V. , e WACHTEL, Nathan

The Inca And Aztec States, Nova Iorque, Academic Press, 1982.

NAGENGARST e KERNEY

"Mixtec Ethnicity: Social Identity, Political Consciouness and Political Activism", In *Latin American Research Review*, Vol. XXV, Número II, 1990. pp 61 a 89.

OCHOA, Julian Santisteban

Los Cronistas del Peru, Cuzco, D. Miranda, 1946.

O'GORMAN, Edmundo.

A invenção da América. São Paulo, Unesp 1992.

PAGDEN, Anthony e ELLIOT, J. H.

Cortes, letters from Mexico, Londres, Yale University Press, 1986.

PALMA, Ricardo,

Tradiciones Peruanas Completas, Aguilar, Madri, 1964.

PATTERSON, Thomas C.

Inventing Western Civilization, Nova Iorque, Monthly Review Press, 1997.

PAZ, Octavio,

O labirinto da Solidão e Post Scriptum, Paz e Terra, São Paulo, 1992.

PEASE GARCÍA YRIGOYEN, Franklin

Breve história contemporânea del Perú, México, FCE, 1995.

PORRAS BARRENECHEA, Raul

Fuentes históricas peruanas, Lima, IRPB, 1968

PRESCOTT, William

History of the conquest of Peru, Nova Iorque, The modern library, 1998

ROSALDO, Renato

Culture and truth, Boston, Beacon, 1989.

ROSTWOROWSKI, María de Díaz Canseco

History of the Inca Realm, Nova Iorque, Cambridge University Press, 1998.

_____ Etnía y sociedad, costa peruana prehispanica, IEP, Lima, 1977.

REIMERS, Luis Andrade

Hacia la Verdadera historia de Atahualpa, Quito, Casa de Culura Equatoriana, 1980.

RESCANIERE, Alejandro Ortiz, “ Lo próprio y lo ajeno en las representaciones del inca”,
In Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J, *In* Lén
Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J (eds.), *De palabra y
obra en el nuevo mundo*, Vol 1 imágenes interétnicas, Madri, Siglo XXI de España, 1992,
397-416.

ROWE, John Howland

"Absolute Chronology in the Andean Area" In: **American Antiquity**, Vol. 10, Mexico,
1945.

_____ "Inca policies and institutions relating to cultural unification" In: MURRA, JOHN V., and WACHTEL, NATHAN, *The Inca And Aztec States*, Nova Iorque, Academic Press, 1982.

SALOMON, Frank, ARAUJO, Hilda, HARRIS, Roy, MIGNOLO, WALTER D. e URTON, Gary
"How an Andean 'writing without words'" In: **Current Anthropology**, Feb. 2001 V42 i1 p1. 2001.

SALOMON, Frank

Los señores étnicos de Quito en la época de los incas, Otavalo, Instituto Otavaleño de Antropología, 1980.

_____ "vertical politics on the Inca frontier" In: MURRA, JOHN V., WACHTEL, NATHAN and REVEL, JAQUES, *Anthropologic History of Andean polities*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 1986.

SZEMINSKI, Jan

"El mundo Andino dominado por los muertos rebeldes" In Lén Portilla, M; Gutiérrez Estévez, M.; Gossen, G. H., e Klor de Alva, J.J (eds.), *De palabra y obra en el nuevo mundo*, Vol 1 imágenes interétnicas, Madrid, Siglo XXI de España, 1992, pp. 171-194.

TAUSSIG, Michael

Mimesis and alterity. Nova Iorque, Routledge, 1993.

TODOROV, Tzvetan

A Conquista da América, a questão do outro, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

TROLL, Carl,

Las Culturas Superiores Andinas y el medio geográfico, Lima, Universidad Mayor de San Marcos. (Série 1. Monografías y ensayos geográficos 1), 1958.

URTON, Gary

The history of a Myth, Pacariqtambo and the origin of the Inkas, Austin, UTP, 1990.

VILLANES, Carlos e CÓRDOVA, Isabel

Literaturas de la América Precolombiana, Madrid, Istmo, S/D.

WACHTEL, Nathan

La vision des Vaincus, Paris, Gallimard, 1971.

_____ *Le retour des ancêtres*, Paris, Gallimard, 1990.

WADE, Peter

“Race and Ethnicity” *In: Latin America*, Londres, Pluto, 1997.

ZUIDEMA, Tom R.

La civilización Inca en Cusco, México, Fondo Cultural, 1991.

Apêndice – documentos.

LOS CUENTOS DE LA MODERNIDAD Y EL MERCADO

Se ha producido en el mundo una revolución técnico-científico. El resultado además de una serie de cambios es un salto gigantesco en la producción. El objetivo de esos adelantos debiera servir para la felicidad humana, ese ha sido el ideal que ha movido los avances de la humanidad.

En el siglo pasado los pensadores socialistas soñaban con el "hombre universalmente culto". Y es que si todas las conquistas técnico-científicas logradas e introducidas a la producción masiva, estuviera al alcance de todos los países, y hubiera un sistema justo que pusiera la riqueza al servicio de las mayorías y no para la opulencia descomunal de un puñado de monopolios, la magnitud de la producción acabaría fácilmente la miseria, el atraso, la desocupación en todos los rincones del planeta, los horarios de todos los trabajadores podrían reducirse a pesar de eso y las personas podrían dedicarse a aprender más y más.

Sin embargo esta conquista humana ha sido monopolizada por un puñado de países, y dentro de ellas por un puñado aún más reducido monopolios. Estas transnacionales las que monopolizan hoy ya no el mercado de uno o varios países, sino el mercado mundial, entre ellos se ponen de acuerdo en precios y condiciones de ese mercado mundial y la orientan conforme a sus intereses de lucro ilimitado.

Así, detrás de las llamadas leyes de mercado están los intereses de lucro de estas transnacionales. Por eso al mismo tiempo que este enorme adelanto en la técnica se ha producido un gran retroceso en la relación entre los seres humanos.

Mientras conocemos por los medios de comunicación los beneficios de la técnica en los países imperiales, todos los países y pueblos del tercer mundo (con la excepción de algunas contadas con los dedos de la mano, convertidos en plataformas industriales de segundo orden de esas transnacionales) ven que el abismo que los separa de los países desarrollados crece descomunadamente y con ello la miseria, la desocupación y desesperanza.

Al no reducirse la capacidad adquisitiva de la población mundial (la opulencia de los más ricos y la cierta comodidad de sectores del pueblo en los países imperialistas es suficiente para compensar el empobrecimiento de la mayoría humana) e incrementarse enormemente la producción, se ha generado una superproducción en los países imperialistas y en unos cuantos "países-factoría".

Necesitan entonces para ellos solos el mercado mundial, necesitan ingresar sin limitación de ningún tipo a todos los mercados nacionales y desplazar de ellos a los productores nacionales.

Ese es el verdadero objetivo del neoliberalismo. Por eso se derriba todas las protecciones que pueda tener la economía nacional, se liquida la capacidad de incidencia que puedan tener los estados, se recesa deliberadamente la industria y la agricultura, en nombre de la privatización se desnacionaliza mas la economía.

El resultado es que el saqueo, la descapitalización de nuestros países se ha acelerado. Ahora no sólo se llevan nuestras riquezas con las utilidades de sus empresas y pagando cada vez menos por nuestras materias primas, por el pago de la deuda externa se van miles de millones de dólares mientras el monto total de la misma sigue creciendo, y por la monopolización transnacional de nuestros mercados internos. Nuestros países tienen

cada vez menos capitales para su desarrollo y en nombre de atraer "capitales frescos" la dominación se hace cada vez mas férrea.

Para cubrir esa expoliación inhumana, han creado un mito: el mito sagrado del mercado. El mercado es solo el intercambio de las mercancías entre los hombres, los grupos sociales y los países; apareció casi en los albores de la humanidad, y con el capitalismo alcanzó la dimensión general. No es el mercado el que determina el tipo de relación entre los productores, sino es la relación entre los productores los que determinan el tipo de mercado. No son los hombres los que tienen que estar al servicio y subordinados al mercado, sino los mercados adecuarse a las necesidades humanas.

Simultáneamente a la integración nacional se conforma también los mercados nacionales, que son la base para una integración económica interna. Los incas ya habían dado enormes avances en esta dirección, gracias a ella la economía era autosuficiente; para ellos crearon una infraestructura nacional de Integración interna: dos grandes caminos que atravesaban de norte a sur todo el territorio nacional, uno por la costa y otro por la sierra que se ramificaban en el altiplano y se unían entre sí por una serie de caminos menores que conectaban a los pueblos entre sí.

El coloniaje primero y la dominación imperialista después destruyeron esa integración económica, para adecuar nuestra economía a sus fines de saqueo y mercado para sus productos.

A comienzos del presente siglo se crearon bolsones de economía capitalista donde estaban los enclaves y existían mercados capitalistas locales completamente dependientes de productos importados o producidos por sus subsidiarias. El resultado, hoy estamos más pobres y atrasados que antes en relación a los países desarrollados.

El Perú necesita construir un mercado interno que permita una real integración nacional, para que los pequeños y medianos productores junto con los trabajadores de todo el país permitan que las necesidades de los peruanos se satisfagan básicamente con la producción de los peruanos.

Pero el dios mercado de los neoliberales no es la construcción de un mercado nacional, sino derribar los pocos muros de protección que tenga la economía nacional para que las transnacionales dominen completamente nuestro mercado y liquiden el escaso adelanto logrado.

Por eso es que los neoliberales proclaman que el nacionalismo es prehistórico, ocultando que hoy las grandes pugnas en Europa y la lucha antiimperialista muestra precisamente el chovinismo imperialista.

La inexistencia de esa integración de la economía, junto con la carencia del mínimo sentido nacional de la burguesía (que hoy se reconvierte en mayoritariamente comercial), es la que permite que los productos protegidos y subsidiados de otros países, invadan el mercado nacional desplazando a los productores peruanos.

Toda la preocupación del gobierno, está destinada solo a facilitar ese copamiento extranjero y saqueo: se abarata por todos los medios los servicios de puertos y aeropuertos, se reduce aranceles, se elimina toda clase de controles de calidad y limitaciones de importaciones de productos que compiten con productos nativos, se promueven redes viales hacia el exterior, pero no se hace ningún esfuerzo, serio para mejorar la infraestructura que liga a los pueblos entre sí y menos aún construir troncales de integración como podría ser por ejemplo una transversal a la sierra o nuevas carreteras de penetración a la selva.

El resultado se está viendo: primero en los supermercados capitalinos se llenan de productos importados, luego son las grandes ciudades y comienzan a llegar ya a los

pequeños pueblos . La descapitalización del país es cada vez más acelerada, la dictadura proyecta para 1994 que las exportaciones serán de 3,590 millones de dólares y las importaciones serán 4,155 millones de dólares. En solo un año y por solo este concepto el país se descapitalizará en 600 millones de dólares. A ello debemos sumar el pago de la deuda (sin préstamos frescos a cambio, es decir salida neta de capitales) que se ha proyectado para ser más del 20% del presupuesto del año. El gobierno no está buscando atraer capitales sino está remitiendo capitales a los centros imperialistas, estamos financiando el desarrollo de las transnacionales.

El cuento de la modernización es solo eso: un cuento. Cualquier pensador serio sabe que para poder competir primero hay que asegurar el control de su propio mercado, en función de ella modernizarse, y sobre esas bases sólidas competir eficientemente en el mercado mundial. Si no hay capacidad de competir en su propio mercado, menos aún va a estarlo en el de mercados ajenos. Ese es el camino seguido por todos los países que se han desarrollado, en todos los tiempos.

Ya vemos los resultados. La liberalización empezó ya con la dictadura de Morales Bermúdez y Fujimori lo está culminando, el resultado por solo señalar dos rubros donde había existido anteriormente algún avance; la Industria de autopartes que había permitido producir más de 20,000 unidades motorizadas al año con importante componente nacional; la Industria de la llamada línea blanca, y gran parte de la industria textil están quebradas. En cuanto a las exportaciones, sólo en el primer semestre de 1993 hemos exportado menos de 15% al mercado norteamericano con referencia al año anterior.

Para que los capitalistas peruanos puedan respirar algo y brindar más facilidades a las transnacionales se ha liquidado todas las conquistas logradas por los trabajadores, campesinos y pobladores en largas luchas que abarcan toda la historia republicana.

La modernización es solo un cuento con el que se encubre este atentado criminal contra la patria. La dictadura no puede exhibir ningún proyecto serio de inversión modernizante. La única promesa de inversión industrial tan promocionada como la de la Daewood, de implementarse sólo sería de ensamblaje, que no implica ningún desarrollo, ni cubre los montos de las automotrices quebradas. Las demás escasas inversiones están dirigidas a comprar en remate las empresas del estado ya inexistentes, y al petróleo y la producción de oro. Es decir en áreas que reafirman el carácter primario de la economía peruana.

Este es el modelo que la constitución Fujimorista pretende consagrar y que el pueblo debe rechazar.

Texto extraído da home page do Movimento Revolucionário Tupac Amaru - www.nadir.org/nadir/initiativ/mrta/cmode-e.htm